

Blecaute

Revista de Literatura

Campina Grande (PB) – V.7 – Nº20
jan-jun/2020 - ISSN: 2238-930X





Blecaute
Revista de Literatura e Artes

Campina Grande (PB) – v. 7 – Nº20
Jan - Jun- 2020
ISSN: 2238-930X

Copyright © 2020, Núcleo Literário Blecaute • All Rights Reserved.

É permitida a reprodução total ou parcial desta edição de Blecaute: revista de literatura e artes; Os textos ou fragmentos de textos, quando reproduzidos, devem ter suas referências (autoria e lugar de origem da obra) devidamente citadas, conforme preconiza a legislação vigente no Brasil acerca dos direitos autorais (Lei 9.610/98); As opiniões emitidas nos textos são de responsabilidade exclusiva dos autores, sendo estes últimos responsáveis pela revisão e conteúdo de suas produções; É vedado o direito de qualquer cobrança pela reprodução desta edição.

Periodicidade: Semestral

CAPA: Palavras-chave, 2016 (em processo)

Fotografia de instalação,
Conceição Myllena

Editores:

Bruno Rafael de Albuquerque Gaudêncio
brunogaudencioescritor@gmail.com / @Brgaudencio
Janailson Macêdo Luiz
janailsonmacedo@hotmail.com / @janailsonmacedo
João Matias de Oliveira Neto
j.matias@msn.com / @jmatiasbooks
Flaw Mendes
flawmendes@gmail.com / @flawmendes

800

R454 Blecaute: revista de Literatura e Artes, v.7, n. 20

(Janeiro - Junho - 2020) – Campina Grande, 2020.

p.: 67, il. color.

ISSN: 2238-930X

Editores: Bruno Rafael de Albuquerque Gaudêncio, Flaudemir S. S. Mendes,

Janailson Macêdo Luiz, João Matias de Oliveira Neto.

1. Literatura. 2. Literatura – Ensaíos. 3. Literatura - Contos. 4. Literatura –
Poemas. I. Título.

21. ed. CDD



www.revistablecaute.com *Novo!*
www.facebook.com/revistaBlecaute
revistablecaute@gmail.com
[@revistablecaute](https://www.instagram.com/revistablecaute)

Índice

EDITORIAL	05
CONTO: A Solteirona, <i>Dan Porto (PR/RS)</i> ,	06
CONTO: Fabiano coveiro, <i>Eduardo Sabino (MG)</i> ,	09
CONTO: Anáguas de Ofélia, <i>Leticia Palmeira (PB/SP)</i> ,	14
ENSAIO: Em palimpsesto de familiaridades, <i>Gabriel Fernandes de Miranda (RJ)</i> ,	16
ENSAIO: Sobre poeira e folhas secas, <i>Thiago David Stadler (PR)</i> ,	19
ARTIGO: Identidade e poder no conto “a moça tecelã”, de Marina Colasanti, <i>Cinthia Freitas de Souza (MG)</i>	27
ARTIGO: Sendas da religiosidade afro- amazônica na belle époque amazônica, <i>Josiclei de Souza Santos (PR)</i> ,	34
RESENHA: “A Era de Ouro do Pornô”: sexo e história, <i>Jana Lauxen (RS)</i> ,	42
POEMAS: <i>Antonio Moura (PA)</i> ,	44
POEMAS: <i>Jorge Lucio de Campos (RJ)</i>	48

POEMAS: <i>Lepota L. Cosmo (SER)</i>	51
POEMAS: <i>Philippe Wollney, (PE)</i>	54
POEMAS: <i>Renata Flávia (PI)</i> ,	60
ENSAIO VISUAL Sobre a intervenção Linha de Ônibus, <i>Clara Nogueira (PE)</i> ,	63
ARTISTA DA CAPA: <i>Conceição Myllena (PB)</i> ,	66

Editorial

Habemus Blecaute!

Depois de um período de afastamento, a Revista Blecaute volta com uma nova edição. É certo que toda pausa surge como um fôlego a mais para retomar uma revista que muito contribuiu para a circulação e revelação de autores independentes ao longo de mais de 10 anos. Esse número 20 é rodeado de peculiaridades, marcado por várias retomadas, é uma edição que ficou “pronta” há 3 anos, por motivos misteriosos aconteceu de sair agora.

A Blecaute, nesta edição, após período de pausa, chega a informar que obteve reconhecimento de escritores, editores e da avaliação de periódicos acadêmicos, galgando a nota B2 no sistema Qualis, que avalia periódicos acadêmicos em todo o Brasil.

Há, ao longo das páginas desta revista um pouco do que vem fazendo a Blecaute desde seu início: revelar produções acadêmicas, intelectuais, artísticas e literárias, misturando um pouco do eixo sul e sudeste com o norte e nordeste. Assim, apresentamos uma comunhão rica de ensaios, artigos e textos que descrevem trechos de romances de autores renomados regionalmente, com contos e poemas de escritores ainda em ascensão, marcados por uma qualidade literária ora em processo de amadurecimento, ora já em sua consumação.

Para além de tudo que pode ser dito sobre esta edição, gostaríamos de compreendê-la em sua diversidade e rigor. A seleção dos autores que segue é um recorte, um bálsamo e um presente que recebemos no e-mail oficial da revista em forma de contribuição.

Em tempo de agradecimentos, desejamos boa leitura aos que vêm e um obrigado maravilhado ao fato da Revista Blecaute ainda possuir o respeito e a lembrança de muitos.

Optamos por manter o padrão visual que a revista tinha ao iniciar a ‘pausa’. Em tempo, estamos trabalhando na reconfiguração da revista e o próximo número já se forma com novos olhares. Não deixe de visitar o nosso novo site, o envio de produções para os próximos números agora é feito por formulário contido nele.

Boa leitura!
Os Editores



Novo!
www.revistablecaute.com
www.facebook.com/revistablecaute
revistablecaute@gmail.com
[@revistablecaute](https://www.instagram.com/revistablecaute)

CONTO

A Solteirona

Dan Porto

Rosa Maria não gostava que a chamassem de solteirona, mas o que fazer ante a tacanhez do povo de Bela Vista? Morava sozinha desde a morte dos pais, levava quase quarenta anos e ainda não se casara. Engrossavam o falatório a amizade com o farmacêutico, embora amiga íntima, tal qual diziam, não passasse de amiga presente, admiradora, sendo ele casado e tudo. Encontravam-se regularmente às quintas-feiras para conversa de duas ou três horas, bolo, café e licor. “É religião”, ele dizia. A esposa condenava, mas ria da situação e dizia aos vizinhos que Rosa Maria não precisava de amigo e sim de um marido, função para a qual ela pensava ter encontrado a pessoa perfeita, o primo que chegaria do interior.

Nas cartas que enviava, sempre duplas, uma à prima e outra ao primo emprestado, o moço se mostrava muito educado e firme naquilo que pretendia, ingressar na Faculdade de Direito, sendo esse o motivo usado pelo próprio farmacêutico para sugerir à esposa que se fizesse o convite ao recém-chegado: “por que pagar pensão, comer e dormir mal quando a prima possui tão grande residência?”.

Chegado à cidade o primo, veio viver em Bela Vista, hóspede do casal. Rosa Maria estava muito ocupada, à época, com a reforma do telhado da casa para o inverno, mandou trocar telhas e caibros, reparar calhas e janelas. Era muito trabalho para se dar conta de vizinho novo, tanto que cancelou o chá semanal com o amigo, o qual, se sentindo dispensado, aproveitou para levar o primo ao centro da cidade. Os dois se conheceram na ocasião em que o casal viajara ao

interior para o casamento de uma parente. O farmacêutico, cujos pais haviam morrido quando tinha ele vinte anos, se afeiçãoou muito à família da esposa, especialmente ao primo. O moço fora sempre um cavalheiro, aliás, só aceitou o convite da hospedagem depois de muita insistência. “Veja”, dissera para o rapaz, “você vem do interior, não conhece nada na cidade, ficar conosco será mais seguro”.

Rosa Maria fez cara feia quando ouviu baterem à porta. Estava envolvida cobrindo móveis para proteger da poeira e foi atender bem a contragosto. Era a mulher do farmacêutico, sorriso aberto: “não quero atrapalhar a senhorita, nem vou entrar, soube da reforma e quis convidar para o jantar. Imagino que esteja cansada, essa poeira, empregados... quero dizer, aceita jantar conosco esta noite?”. Muito surpresa, Rosa Maria agradeceu e aceitou o convite. “Ai, que bom!”, a mulher saltitava de contente. “Esteja lá às sete em ponto”, alertou. Depois saiu, apressada, a acenar.

Por volta das seis, dispensados os empreiteiros, higiene feita, Rosa Maria começou a se preparar para o jantar. Escolheu um vestido azul-marinho intencionalmente sóbrio, cheirou os cabelos com extrato de flor de laranjeira e os prendeu em um coque baixo. Sete em ponto bateu à porta da casa do farmacêutico. Uma esposa animada e bem vestida a recebeu com sorrisos e rapapés, tantos, aliás, que Rosa Maria desconfiou. “Entre, querida”, “como está bonita!”, “que belo vestido!”, mas nada que saía da boca da mulher parecia combinar com seu jeito calado, observadora, durona, quase masculina. Rosa Maria encontrou o amigo acabrunhado e aparentando mau humor. Mal teve tempo de cumprimentá-lo e a esposa lhe saltou à frente. “Minha cara Rosa, este é um primo meu do interior”, disse a mulher, e apresentou o rapaz e logo fez com que ambos se sentassem lado a

lado e foi providenciar uns “petiscos para abrir o apetite”.

O moço era tímido, muito cortês e trazia no olhar certo brilho vivaz, talvez uma curiosidade contida. Rosa Maria tentou puxar conversa com ele, mas só obteve monossílabos, e antes que a mulher voltasse da cozinha com a bandeja de salgadinhos, havia entendido o motivo do jantar, das gentilezas e o mau humor do amigo. Quando lhe dirigiu a atenção, contando de como ia a obra, o telhado totalmente recuperado, “agora vou me livrar da poeira”, o farmacêutico ouviu sem demonstrar interesse.

Em seguida voltou a esposa com suas faceirices e irrompeu a falar, contar da viagem do primo à cidade, o objetivo de estudar Direito e de como deveria se tornar um “excelente doutor, isso sem contar o homem de bem e educado que é desde muito jovem”. Foram tantos assuntos em torno do primo e tantos risos que o jantar pareceu ter sido esquecido. O farmacêutico foi obrigado a perguntar se comeriam algo de verdade àquela noite ou seriam forçados a se empanturrar de salgadinhos.

“Então, Rosa, nos conte da obra em sua casa”, pediu a esposa durante o jantar. O marido e o primo comiam, ambos demonstrando mais interesse ao prato do que ao assunto das duas mulheres. A esposa parecia absorta no que Rosa Maria narrava: a dificuldade de tratar com os empreiteiros, a poeira, a demora, o preço dos materiais... “Eu posso supor o quanto deve estar sendo difícil para uma mulher como você fazer isso, eu mesma não seria capaz”. Nisso ela sugeriu que o primo poderia ajudar Rosa Maria a terminar a obra, para aparente surpresa do rapaz, ao que a própria agradeceu, “mas não é preciso, imagine, eu dou conta disso sozinha, papai me ensinou tudo o que preciso saber para terminar a reforma”.

Em silêncio e demonstrando mais interesse à comida do que ao assunto que a esposa alimentava, o farmacêutico mal sentia o gosto do prato, remoía pensamentos. As intenções da mulher; casar o primo com Rosa Maria; afastá-lo da amiga; havia vinte anos de diferença entre os dois, poderia ser seu pai; e se, diante da desenfreada pressão, o primo se assustasse e quisesse se mudar para uma pensão ou, o que seria pior, partir?!

Rosa Maria não perdeu a firmeza característica de sua personalidade em nenhum momento. Resistiu às sugestões sarcásticas da esposa sem revidar. Só não o fez, diga-se, por respeito ao amigo que parecia ansioso e envergonhado, e por decoro perante o primo, a quem via pela primeira vez. Retirou-se após o cafezinho sob os protestos da esposa, desejosa de que Rosa Maria ficasse mais tempo. “Ah, mas então volte. Você é tão simpática e espirituosa, não é mesmo, primo?”. Constrangido, o rapaz concordava e, pela primeira vez, depois de olhar para o farmacêutico, sorriu para Rosa Maria, enquanto se despediam.

A semana seguinte foi luminosa para Rosa Maria. A reforma concluída, a casa devidamente limpa, na quinta, como o costume, recebeu o amigo para o chá, desta vez, acompanhado do primo. Com a educação costumeira, o farmacêutico pediu desculpas, primeiro pelo jantar, dizendo que não compreendia o comportamento destoante da esposa, e depois pela presença do primo, que também se desculpava, pois não haviam conseguido se livrar da ideia fixa da mulher que insistiu para que o rapaz o acompanhasse.

Rosa Maria riu dos cuidados dos dois: “Não há nada a se desculpar, senhores”. A tarde que se seguiu foi memorável, os três tomaram chá e conversaram alegremente até o Sol se pôr. O primo

mostrou-se muito mais à vontade do que naquela noite. “A senhorita Rosa é mesmo encantadora”, dizia. E riram os três. E trocaram confidências. E riram mais ao se lembrarem das intenções da esposa do farmacêutico em casar o primo com Rosa Maria.

Para desespero da mulher, o primo juntou-se ao marido nas semanais visitas. Saíam no início da tarde e só voltavam à hora do jantar. Com o tempo, o povo de Bela Vista passou a comentar a proximidade de Rosa Maria com o primo, o que levava a crer que os dois estavam interessados um no outro. A esposa não acreditava nisso e não estava feliz, o marido não se afastara da “amiga solteirona”, e dizia amiga solteirona com sarcasmo na primeira e peso na última palavra.

Por sua vez, o farmacêutico nunca esteve mais feliz. Mantinha a amiga, a amizade até se reforçara nesse período, e as quintas-feiras na casa de Rosa Maria se tornaram o único momento em que os dois, farmacêutico e primo, podiam ficar juntos e à vontade, longe dos olhos da esposa e resguardados sob a lealdade daquela amiga íntima.

Dan Porto (PR-RS). Escritor. Artista. Porta-voz do Transtexto e do Homo Poeticus. Criador do projeto As Pessoas de Fernando (YouTube). Publicou Pequeno Manual do Vestibular (2009), Raridades (2011), Viver e ajudar a viver (2014), Série Poética: Just it, Carménère, Xilema (2015), A cura da Aids (2017), além de diversos textos avulsos em veículos especializados.. Blog: [http:// danporto.blogspot.com](http://danporto.blogspot.com)



www.revistablecaute.com *Novo!*
www.facebook.com/revistaBlecaute
revistablecaute@gmail.com
[@revistablecaute](https://www.instagram.com/revistablecaute)

CONTO

Fabiano coveiro

Por Eduardo Sabino

Quando cheguei ao barzinho, Fabiano já me aguardava no fundo do estabelecimento, na mesa rente à parede, próxima demais do banheiro e separada por um pequeno corredor do freezer e do balcão da cozinha. Eram ainda dezenove horas, o bar vazio, o garçom desencaixava as mesas da varanda, de modo que não entendi a escolha. Será que ele não tinha percebido? Receberíamos estímulos de cheiros bem diferentes, e entre cozinha e banheiro, o banheiro sempre vence e afasta o apetite de qualquer coisa que saia, cheirosa ou não, da cozinha. *Bora mudar de mesa antes que as pessoas cheguem, vacilão*, a frase estava engatilhada para depois dos cumprimentos. Então notei, ao me sentar na cadeira rústica à sua frente, o modo como os dedos da sua mão se entrecruzavam, massageando uns aos outros e que o sorriso dele, sempre tão escancarado, tinha sido substituído por uma fresta torta e sem dentes. Soube nesse instante: havia algo errado com Fabiano. Dessa vez não era minha culpa. Por um milagre cósmico, o trânsito fluiu muito bem do trabalho ao boteco e lá estava eu, cinco minutos antes do horário marcado. A tensão só podia estar no que ele tinha a me dizer, no que o levou a insistir para tomarmos uma cerveja numa terça-feira, coisa não muito incomum para mim, admito, mas inédita se tratando dele.

“Tudo tranquilo, cara?”

“Tudo.”

“Não senti firmeza. Aconteceu alguma coisa?”

As olheiras no seu rosto quase me responderam por ele. Cara de

quem não dormia há dias.

“Tenho uma coisa pro cê.”

“Tá traficando agora, é?”, perguntei, rindo.

Ele não riu de volta. Estava mesmo tenso.

“Fiz merda, cara.”

Liguei o modo assunto sério, finalmente, e me ajeitei na cadeira. Curioso, porque eu não podia imaginar o que Fabiano, um dos meus amigos mais cordiais, bobo, até certo ponto, poderia fazer de mal a alguém, ainda que fosse a si mesmo.

“O que rolou, mano?”

Ele olhou para os lados, os garçons absortos no seu trabalho de organizar as mesas, um casal se sentando em uma mesa na varanda.

“Antes de mais nada, o que vou te contar morre aqui.”

“Vai morrer. Fica tranquilo.”

Conheci Fabiano no colégio. Terceiro ano do ensino médio e já quase batia os dois metros de altura. Grande, forte e cara de mau, fazia o tipo valentão, mas só na aparência. Não gostava de brigas, não entrava nelas nem para separar, e abaixava a cabeça quando os meninos de outra sala mexiam com ele nos corredores, fazendo piadas com o seu tamanho. Cara, não aceita isso, mete o sopapo nele, dizíamos, e ele ignorava. Um cara da paz, o Fabão. De família religiosa, foi coroinha aos oito anos e, aos treze, ganhou um trabalho como gandula do Vila Nova. Ficava atrás do gol e saltava melhor do que o goleiro para apanhar as bolas que saíam pela linha de fundo. Impressionado, o técnico do time júnior lhe deu uma chance. Em uma partida do Brasileiro Sub-20, o centroavante adversário agrediu o zagueiro e o jogo terminou em pancadaria, com jogadores, comissão técnica e todo o departamento médico trocando chutes e

socos. Da arquibancada atrás do gol, vi meu amigo andando devagar pela lateral de campo e entrando no vestiário, na maior tranquilidade, como se nada estivesse acontecendo. Chamaram de falta de lealdade e amor à camisa, e desligaram-no do clube. Quando formou o ensino médio, surgiu uma oportunidade de vigia no cemitério do Rosário, e a paróquia, que cuidava do lugar, viu nele o perfil para a vaga: jovem, grande, ameaçador e confiável.

Quando soube, achei estranho. Tomar conta de um cemitério? Os mortos não precisam de babá, não fazem bagunça nem tentam pular o muro. Daí me contaram o que vinha acontecendo. Os velhos descendentes de ingleses da cidade, muitos já centenários e fazendo hora extra aqui embaixo, vinham morrendo, um após o outro, e, seguindo a tradição das famílias, levavam seus amuletos para o túmulo. Anéis, colares, joias de todos os tipos. O fato não passou despercebido aos ladrões de túmulos, claro, e, depois que uma cova do avô do prefeito foi profanada, e levaram o relógio que marcaria o tempo de decomposição do morto e do coma profundo de sua alma até o juízo final, o padre reuniu a diretoria da paróquia e decidiu contratar um vigia: Fabiano.

“Eu não dei conta, caí em tentação.”

A garçonete chegou com a cerveja. Esperamos ela encher os copos, em silêncio. Quando se afastou, retomei:

“Traiu sua namorada?”

“Não, cara. No trabalho.”

“Cê tá brincando?! Cê não fez o que tô pensando...”

“Fala baixo, caralho.”

Abaixei a cabeça e projetei o tronco na direção dele, diminuindo o tom de voz, mas me esforçando para não rir. Eu mal podia acreditar

no que ouvia:

“Lalou o colar de uma *véia* inglesa, é?”

Ele apalpou o bolso, olhando os arredores como se o defunto roubado estivesse por perto.

“Com os ingleses não mexo. Nem a pau”, disse.

Tirou algo do bolso, ergueu a mão e a desceu sobre a mesa. Na palma da luva natural de goleiro, a mão enorme de Fabiano, as costas de um celular, a maçã mordida prateada brilhando: um iphone.

“Ok, um celular. Agora cê vai me dizer que alguém foi enterrado com isso?”

“Pior que foi.”

“Conta outra, Fabão. Cadê a câmera escondida?”

Fabiano contou os detalhes. O velório e o enterro tinham acontecido no entardecer do dia anterior ao nosso encontro, véspera de sua folga. Fabiano os acompanhou de perto, pois o padre que encomendou o corpo solicitou sua presença para ajudar o coveiro a carregar o caixão. Pouco antes do cerramento do caixão, a viúva abriu caminho e enfiou o celular embaixo das mãos cruzadas do morto, um homem aparentemente jovem, meia idade, os cabelos começando a branquear.

As filhas tentaram dissuadi-la, mas a viúva estava irredutível: *esta coisa vai embora com ele, não quero mais um pio*. E as meninas choraram muito, Fabiano não soube dizer se pelo pai ou o smartphone. Durante os velórios interioranos, as pessoas costumam fazer muitos comentários; às vezes não têm a mínima intimidade com o morto e vão ao cemitério observar a choradeira da família e fazer comentários. Nesse caso não foi diferente. Disseram que o falecido era um homem endividado. Comprava coisas além de sua condição financeira; a

última tevê da Sony, o último aparelho da Apple, andava de carro zero financiado em cinco anos enquanto as garotas interrompiam cursos na faculdade por falta de grana e coisas essenciais faltavam na casa; até mesmo na geladeira. A situação estava complicada, disseram, tinham acabado de pegar um empréstimo no banco e essa seria a razão do infarto do falecido: não aguentou a pressão. Por que diabos a mulher enterrava uma das poucas coisas pagas da família e que podia vender facilmente, ainda mais precisando de dinheiro? Segundo os relatos dos fofoqueiros de velório, o aparelho era motivo de discórdia entre as irmãs. Desde que o pai morreu, elas vinham batendo boca e até caindo no tapa pelo smartphone. A mãe então se livraria do aparelho para dar uma lição a elas: aquilo seria enterrado com o pai, como símbolo de sua morte, de tudo que o levou à morte e que agora a família precisava superar: um consumismo irresponsável e uma valorização estúpida de coisas materiais.

Saber da história acendeu um dilema moral em Fabiano, ele me contou, que terminou com a violação do túmulo às três horas da manhã. Diferente das joias dos ingleses, o celular não era um amuleto, não tinha significado para o morto, na verdade tinha sido a sua ruína. A viúva, herdeira legítima, decidiu se livrar da herança.

“Seria pecado, eu me perguntei, pegar algo que ninguém mais queria?”

“De jeito nenhum”, concordei. “Daqui nada se leva, meu amigo.”

Quantos meses precisaria trabalhar, Fabiano calculou, para comprar um smartphone como aquele? Não seria justo que ficasse debaixo da terra, pegando ferrugem, inutilizado, vendo o dono servir de banquete aos vermes, o dono que não poderia fazer, nunca mais, nenhuma ligação, por estar ausente de todos os lugares ou ao menos,

segundo a fé de Fabiano, fora da área de cobertura deste mundo.

“Então eu peguei o celular, e agora, como você pode ver, ele está aqui. Toma.”

Dito isso, Fabiano empurrou o aparelho em minha direção. Empurrei-o de volta:

“Vende, cara. Vai te dar uma grana. Eu tô numa pindaíba danada. Não posso pagar por isso agora.”

“Eu tô te dando”, insistiu. “Fiz merda, agora é seu.”

“Para com isso, Fabiano. Esquece essa culpa cristã, meu amigo. O celular tava debaixo da terra. Não tinha dono.”

“Se não tinha dono, não pode ser vendido”, e o devolveu para mim.

De repente, colocou as mãos sobre os olhos, e achei que pela primeira vez o veria chorar, mas apenas deu um longo suspiro.

“Essa porra me deu um baita susto, velho. Sou muito besta de acreditar nos fofoqueiros, achar que sabem de tudo. As pessoas nem sempre contam porque fazem o que fazem, cara. E quando contam não contam tudo.”

“Sim, é foda. Às vezes nem a gente sabe direito por que faz o que faz.”

“...”

“Mas por que o susto? Teve pesadelo?”

“Antes fosse.”

Daí ele ficou em silêncio, deu um gole na cerveja, olhando-me pensativo – na certa decidindo se me contaria – e recomeçou o relato que pensei ter chegado ao fim cinco minutos atrás.

Levou bastante tempo para desenterrar o caixão – a lanterna trêmula, assustando-se com os voos rasantes dos morcegos e piados

de coruja. Quase desistiu, tanto esforço teve que fazer pra tirar as placas de concreto armado, pesadíssimas, acopladas no buraco com um cimento, sorte dele, ainda molenga. Então abriu o caixão, tirou o iphone das mãos do morto, tampou-o novamente e refez o processo até a sepultura ficar como antes. Abaixou-se, pegou o iphone na grama e, quando se levantou, quase teve uma parada cardíaca: o celular tocou, o visor brilhando no escuro. Fabiano deu um berro, *meu deus do céu*, estremeceu o corpo e deixou o aparelho cair novamente. Deu um salto para trás, taquicardíaco, e ficou olhando à distância. Quem diabos enterra um celular com bateria? Se tratando de um iphone, devia ter sido enterrado com cem por cento da bateria para durar o dia inteiro.

De longe, ele viu o nome no visor: Amor, certamente quem ligava era a viúva.

Esperou o celular parar de tocar e o apanhou no chão. Correu até a guarita, fechou-a, a respiração ofegante, sentindo-se culpado por tirar o aparelho do morto e agora ter de testemunhar a sua vibração. Mais de setenta ligações não atendidas, e contando. Imaginou-a sentada na sala, no escuro, enquanto as meninas dormiam, iluminada por uma vela, o telefone fixo na orelha, talvez com uma bíblia a mão, lendo os versículos em que Jesus manda Lázaro se levantar. Acordate e atenda, talvez ela estivesse repetindo, incansavelmente, baixinho. O celular ainda marcava trinta por cento de bateria. Fabiano decidiu acabar com aquela angústia e desligou-o.

“Agora é todo seu”, Fabiano me diz, “já tirei o chip”.

Guardei o celular no bolso.

“Se você vai se sentir melhor se livrando dele, não vou mais negar. Você que sabe.”

Ele assentiu, e chamou a garçonete; mais uma garrafa seca.

Quando enfileiramos o bastante para percebermos que bebemos demais, talvez mais do que poderíamos pagar sem usar o crédito, pedimos a conta.

Descemos a Rua da Bahia abraçados – ou melhor, o braço dele no meu ombro, o meu nas costas dele, porque o diabo era alto demais –, ríamos e lembrávamos episódios do colegial. Fabiano esperou comigo o meu ônibus e, antes do balaio chegar, confidenciou-me:

“Depois do que te contei, eu liguei de novo o celular. Mandei uma mensagem pra ela.”

Escorei na placa de ônibus, incrédulo.

“Cê tá me zoando...”

“Sério, porra. Eu não ia brincar com isso. Cê me conhece.”

“E o que você escreveu, maluco?”

Vi seus olhos se erguendo, as pupilas quase sumindo nas córneas, e depois tornando a me encarar.

“Não lembro exatamente. Falei para ela não se preocupar. *Estou indo para um lugar melhor. Te amo, cuida bem das garotas. Algo assim.*”

“Putaque o pariu, cara.”

“Fiz merda, né?”

“Sei lá. Acho que fez.”

Ficamos em silêncio algum tempo, dois carros passaram assobiando, motores tunados, apostando pega, uma garota ofereceu chicletes às pessoas no ponto, uma a uma, e depois partiu, eu continuei tentando pensar no que dizer e, como ele parecia de repente entristecido, acabei dizendo:

“Você fez bem. Era o que ela queria ligando para ele. Se tiver um céu, acho que você acabou de garantir a sua vaga.”

Fabiano riu:

“Lógico que tem um céu. Em algum lugar...”

“Então beleza. Quando você morrer, vou colocar o celular no seu caixão. Pro cê devolver quando chegar lá. Isso se o cara não tiver ido para o inferno, né?”

Ele deu outra risada, e depois coçou queixo.

“Até que é uma boa ideia, hein?”

Meu ônibus chegou, apertamos as mãos, agradei pelo presente, mais uma vez, prometi não contar sua história para ninguém, *bico calado, ok, conte comigo*, e embarquei. Sentei na fileira de poltronas do fundo, recostado na janela da esquerda, ao lado da porta. Cochilei uns vinte minutos de viagem e, quando acordei, apalpei os bolsos, com medo de ter sonhado tudo o que havia ocorrido, procurando provas materiais de que ouvi aquela história de Fabiano. Ufa, ainda estava lá. Puxei e ergui o aparelho contra a luz da rodovia: a tela negra, o fundo prateado sem um arranhão, um smartphone morto temporariamente precisando de chip e recarga de bateria.

Eduardo Sabino (MG). É escritor e editor, autor dos livros de contos *Estados Alucinatórios* e *Naufrágio entre Amigos*. É um dos fundadores da *Caos e Letras*, pequena editora mineira focada em literatura contemporânea. O conto “Fabiano Coveiro” integra o ebook *Limbo*, coletânea disponível na Amazon.

CONTO

*Anáguas de Ofélia**Por Leticia Palmeira*

(19 de maio de 2020)

No trigésimo dia de quarentena, meu estoque de cigarros acabou. Foi o primeiro item de minha lista quando fui ao supermercado assim que decretaram isolamento. Foram quatro pacotes inteiros de alcatrão + nicotina + comida + produtos de higiene. Oito da manhã, cogitei serviços de entrega. Porém, desisti diante do fato de estarmos numa pandemia dos demônios que ataca as vias respiratórias e eu, fumante desgraçado, como poderia conviver comigo mesmo sabendo que estou me matando quando há milhares de pessoas lutando por suas vidas?

Impedido de visitar os mais velhos da família, alguns tios e tias que pouco faço questão de ver, fiquei sozinho na casa que pertenceu aos meus pais. Que Deus os tenha! Tento me contentar na casa de 10 cômodos, pouca mobília e nenhum animal de estimação. Eu lembro que gostava de animais. Na infância, eu gostava de muitas coisas.

Saio de casa e piso na rua pela primeira vez em muitos dias.

O sol arde no rosto. De camisa do avesso e jeans, vou cabisbaixo pensando nas notícias mais recentes. A contagem de mortos é obscena. A política é uma merda.

Bando de canalhas!

Preciso me conter. Além da solidão, começo a me sentir diferente. Irracional, talvez. Eu me alimento fora de hora, durmo no meio do dia, leio livros pela metade. Não tenho paciência para metade dos livros que abro.

Sem paciência.

Antes que eu atravessasse a rua, uma voz.

— Olá!

Fiquei estático ponderando se a voz era real ou eu estaria de fato enlouquecendo.

Ouçõ de novo o sussurro. Decido buscar a origem do som e encontro, por cima do muro, o par de olhos azuis. Eu não me aproximei. Apenas esperei o que viria daqueles olhos vivos.

— Não tem máscara?

O primeiro contato desde que me confinei em minha casa de 10 cômodos e algumas memórias. Um contato fora do usual, mas reconfortante. Pensei em me aproximar, mas a voz ordenou:

— Não se aproxime. Se não tem máscara, eu te dou uma.

Foi neste momento que a mente trouxe de volta a imagem. Era Ofélia, a vizinha solitária que meus primos e eu costumávamos irritar com nossas bolas de futebol arremessadas em seu jardim, com nossas festas nas madrugadas barulhentas regadas a maconha e vinho.

Todos se foram, mas Ofélia existe!

Embora a vizinha de olhos azuis nunca tivesse reclamado de nada, eu coloquei na cabeça que nós a incomodávamos naquele tempo. Ofélia nunca reclamou, nunca saía, nunca fazia ruídos. A não ser o podar das plantas. Lembro que Ofélia podava plantas duas vezes por semana. Me ocorre lembrar que eu tinha o hábito de observar Ofélia quando menino.

A mulher era bonita e eu gostava de como se movia. Parecia uma dama antiga, bem diferente das meninas que mascavam chiclete. Os cabelos de Ofélia eram castanhos e seu corpo, um paraíso de curvas que acendiam meus hormônios juvenis.

Como pude esquecer?

Era dia de jogo do Brasil. Meus irmãos e primos combinaram de ver a partida em nossa casa. Tinha bebida, churrasco e violão. Até que o jogo começasse, eu não poderia ser visto saindo. Quando todos se distraíram com o primeiro gol, escapei. Ofélia me esperava no quintal de sua casa florida. Ofélia pendurava roupas no varal.

Nos aproximamos pela primeira vez desde o dia que comecei a observá-la. Ela devia ter uns 20 anos a mais. Eu desejava Ofélia e suas curvas serpentinas. Enquanto ela erguia os braços para repousar no varal o que acredito que fossem anáguas, eu a abracei. Forte e ternamente. Ofélia suspirou e cercou meu corpo com seus braços suaves.

Que mulher linda!

Meu amor!

Em poucos segundos, nossos corpos estavam sobre as anáguas caídas no gramado do quintal. Eu era um menino, mas não senti medo de seus olhos de mulher. Desde que passei a observar Ofélia, desde nossa primeira carta trocada sobre a murada dos fundos da casa, eu amei Ofélia.

Tantas cartas...

Como se esquece um amor assim?

Sobre as anáguas fizemos tudo. Eu dentro e fora de Ofélia por dias a fio. Eu amo você, ela dizia. Eu também amo você, Ofélia.

Foi um escândalo quando meus pais descobriram. E escândalo maior quando decidi que não iria com eles para Curitiba. Fiquei ao lado de Ofélia e vivi cada momento como se minha vida fosse uma descoberta de sentimento e virilidade. Ofélia e eu nos tornamos inseparáveis.

No entanto, brigamos certo dia e nunca mais voltamos a nos falar.

Tornei-me adulto, me casei e, 3 anos depois, me divorciei. Só Ofélia me fazia sentir feliz. E ao ouvir sua voz por cima do muro, e rever seus olhos azuis, a memória voltou ao lugar de onde jamais deveria ter partido.

— Não se aproxime!

Eu não obedeci a ordem de Ofélia. Não só me aproximei como, igual aos dias de minha adolescência, subi pelo muro e pulei bem à frente da mulher que me olhava com seus olhos cheios de lágrimas.

— Lembra de mim?

Com carinho, retirei a máscara que escondia a face de Ofélia. Suas rugas, seu riso, os vincos na pele.

— Como pude esquecê-la?

Não aconteceria de novo, prometi.

Abandonei minha casa de 10 cômodos para morar com Ofélia. Confinados e amorosos, cuidamos um do outro enquanto a peste devorava o resto do mundo.

Letícia Palmeira (PB/SP). Escritora. Graduada em Letras pela UFPB. Publicou contos e crônicas em *Artesã de Ilusórios* (EDUFPB, 2009), *Sinfônica Adulterada* (Multifoco, 2011) e *Diário Bordô e Outras Pequenas Vastidões* (Multifoco, 2013). Seu primeiro romance, *Sol e Névoa*, veio ao público em 2015. Em 2016 publicou *A Obscena Necessidade do Verbo*, sua primeira novela. No mesmo ano, organizou, ao lado da autora Lizziane Azevedo, a *Antologia de Contos Ventre Urbano* (Penalux, 2016).

ENSAIO

Em palimpsesto de familiaridades

Por Gabriel Fernandes de Miranda

O romance de Elvira Vigna tem uma presença, uma densidade. Sua leitura trouxe em mim a vontade de realização complexa e completa de um projeto: aquele que Barthes chama de “escrever a leitura”. O ato de ler, de completar, imaginar e co-autorar o livro. *Como se estivéssemos em palimpsesto de putas* é um livro recheado mesmo desses momentos de verdade barthesianos. Frases que precisei ler e reler, cuja profundidade provoca uma reação no corpo, uma inundação de angústia, que gera o gesto-chave da leitura à la Barthes: o levantar a cabeça, a descontinuação da leitura*. Esse gesto comum informa e produz uma capacidade esquecida da literatura: de ser mais do que si mesma, de produzir efeitos que são tão fortes que a leitura não pode continuar. Os sentimentos evocados por essas frases bem escritas — frases-gestos — se copiam e se difundem para além dos momentos de verdade do texto. Em minha leitura houve um elemento mais profundo: o livro passa, constrói e figura, lugares familiares a mim, que efetivamente produzem uma proximidade que é, pura e simplesmente, casual.

Elvira Vigna não escreveu esse romance para mim, não me conhece, não conhece meus trajetos, desconhece o meu vago conhecimento da minha própria cidade, mas a geografia imaginada de seu livro me tocou profundamente. A Marquês de Olinda, rua do bairro de Botafogo em que a trama se inicia me faz pensar de tantas outras ruas desse mesmo bairro que conheço, ruas iguais,

* Nas palavras de Barthes: “ler levantando a cabeça”. BARTHES, Roland. O Rumor da Língua. Trad. Mário Laranjeira. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012. p. 26

implacáveis, vazias e com o sol duro do verão carioca. O bairro de Olaria do romance, local de origem do personagem João evoca meu escasso conhecimento também da Zona Norte, mas me faz pensar na casa da minha avó, em um subúrbio tão comum quanto aquele que aparece na obra. Mesmo quando a narrativa viaja, o faz para São Paulo ou Brasília, cidades familiares, em um acaso imenso para um jovem longe da etiqueta de “viajado”. Não que eu seja conhecedor dos puteiros de João, nem de seus hotéis caríssimos, ou dos motéis baratos, mas a construção de lugar passa por algo muito meu, uma vaga posse de certos lugares, uma presença imaginativa corrente, sempre pronta para ser evocada, de ruas, bairros, lugares-comuns que não conheço bem, mas me são vagamente familiares. Até quando o livro se aproxima de um ambiente realmente muito próximo, a praça Tiradentes e o bar Imperatriz, no centro do Rio de Janeiro — locais de intensa familiaridade pra qualquer aluno do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ — sua aproximação se dá quase sub-repticiamente, por lugares nunca visitados, mas conhecidos, imaginados. O centro de artes Hélio Oiticica e o hotel miserável das prostitutas foram presenças no meu dia a dia de universitário durante cinco anos, mas presenças quase fantasmagóricas, como prédios miragens, espectros.

As histórias que João conta, e a narradora sem nome reconta, passam por locais que me são familiares por fora. Um conhecimento de fachada, como é o caso do Iate Clube que fica no limite entre Urca e Botafogo, onde jamais pisei, mas o qual posso perfeitamente revisitar na imaginação, sua fachada está impressa nos meus olhos. Esse romance, apesar de sua maestria de construção de personagens complicados, de uma narradora auto-crítica, presente e consciente de

sua presença, me chama a atenção por sua coincidência com a vida. Mais especificamente a minha vida, a minha série de locais visíveis, visitados, e guardados em minha memória. Elvira, sem querer, escreveu um roteiro de viagens que se parece muito com o meu próprio caminhar. A minha experiência de leitura, intransferível, ainda que inserida em um campo mais amplo de leituras possíveis do romance, mostrou a capacidade mnemônica da revisitação de lugares através da literatura. A cidade de Saquarema, local popular de veraneio da classe média baixa carioca, que aparece no romance como local onde os personagens têm um encontro duro, redentor e vingativo, é pouco parecida com a Saquarema que frequento e frequentei durante todos os meus verões, na casa de meus pais. Mas ainda assim, na leitura de *Como se estivéssemos em Palimpsesto de Putas*, essa cidade está presente e me remete àquela Saquarema — também ficcional à sua maneira — que eu conheço bem, ou acredito conhecer. Eu quase pude sentir o cheiro do mar e a areia muito branca, mas como em um sonho, os lugares ficcionais parecem encurtados, a igreja em uma colina à beira-mar perto demais, o mar perto demais da areia, e o asfalto perto demais da praia. Esse lugar se dá através de uma refiguração que parece funcionar como uma cópia não exata da memória, uma fantasmagórica expressão de lugares visitados incontáveis vezes. Nesse procedimento, o local familiar reaparece como um estranho, uma novidade.

De certa maneira, reviver através da história de João, Lola e a narradora anônima os lugares de meu percurso inteiro promove um efeito de estranho-familiar. *Unheimlich* no vocabulário freudiano**. Uma reconstrução do familiar, ou uma revelação, através da ficção,

** FREUD, Sigmund. O inquietante (Das Unheimliche), trad. PC Souza. Obras Completas de Sigmund Freud, v. 14, p. 328-376, 1919.

da arte das palavras, dos locais que pertencem ao meu imaginário geográfico particular. O aparecimento desse sentimento, tão bem traduzido ou constituído por Freud é fortuito, faz lembrar do caráter de análise dos encontros de João e a narradora. Encontros em um escritório vazio, “inchado de livros”, que efetivamente servem à João como um lugar aonde se pode contar a história de si mesmo. E o papel da narradora, imitando aquele da analista, o ouvido presente, o instrumento que permite e valoriza a fala. Mais uma vez, os doces acasos da leitura surpreendem, ao mesmo tempo que demonstram as possibilidades de explorações acidentais da leitura. Duplo acaso, dupla potência literária.

A recriação de lugares familiares pela ficção talvez nos diga bastante sobre o local da ficção em relação à referencialidade. A minha experiência de leitura indica que a ficção, como o bairro de Botafogo em Elvira Vigna, tem um lugar tangencial, uma proximidade-longínqua, um indizível caráter familiar, uma tensão apenas, na linha tênue das nossas construções de experiência. O lugar criado na ficção não é, e nem deixa de ser o local ao qual ele se refere, o qual ele representa. A ingenuidade das leituras de ficção que se baseiam na referencialidade é a mesma ingenuidade das leituras que acreditam na completa dissociação da ficção e da experiência. Ficção e vida apareceram em minha leitura de Vigna mescladas, duramente misturadas, provocando um redemoinho de estranhos sentimentos de nostalgia, de saudade pelo real, que é também a nostalgia e a saudade pelo ficcional. Não nos comunicamos só em ficções, nem só em experiências, mas através dessas categorias as palavras flutuam e criam lugares indistintos como os caminhos de *Como se estivéssemos em Palimpsesto de Putas*.

Talvez em paralelo com essa estranha flutuação da geografia ficcional que me pertence no livro de Elvira Vigna, apareça o personagem fluido de Lurien, um ele/ela de identidade de gênero indefinida, que não se fixa nos lugares-comuns esperados. Talvez o maior exemplo de viver o não-lugar seja esse corpo cujo local não é e nem pode ser descrito pela linguagem, e os bairros e cidades do livro também sejam como Lurien, estranhos às palavras.

A relação que se dá na leitura entre ficção e vida parece um terreno fértil muito pouco investigado. Para além das teorias da recepção que tendem a um esquematismo pobre e sociologizante, parece haver um espaço indefinido de experiências próprias de leituras que demonstram um potencial da literatura inexplorado. A exploração de locais que tangenciam a experiência, a memória e a ficção. Os lugares de Elvira Vigna em minha leitura me contaram muito sobre a ficcionalidade de qualquer geografia, e de como há algo que desperta quando diferentes geografias imaginadas se chocam e, mais importante, se sedimentam — em palimpsesto — tal como as putas de João, tais como nossos deslocamentos geográficos do cotidiano. Como em um espelho quebrado, esses lugares aparecem reconhecíveis apenas por alguns segundos antes que a imagem se desfça, que a ilusão da presença desmonte.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- BARTHES, Roland. O Rumor da Língua. Trad. Mário Laranjeira. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.
- FREUD, Sigmund. O inquietante (Das Unheimliche), trad. PC Souza. Obras Completas de Sigmund Freud, v. 14, p. 328-376, 1919.
- VIGNA, Elvira. Como se Estivéssemos em Palimpsesto de Putas. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.*

Gabriel Fernandes de Miranda (RJ). Atualmente é bolsista CAPES de doutorado em Literatura Comparada na Universidade Federal Fluminense (UFF), é Licenciado em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e Mestre em Teoria Literária e Literatura Comparada pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

ENSAIO

Sobre poeira e folhas secas

Thiago David Stadler

Eis me aqui falando sobre aquilo que não se gosta de falar: a morte. Há de se concordar que pouco se tem falado sobre ela em nossos dias. Na verdade até parece que a morte deixou de existir. Mas não se engane! Ainda somos mortais e, portanto, a morte nos interessa. No entanto, o que se pode falar da morte? Sejam poucas ou muitas coisas é preciso apressar a conversa, pois quando ela se apresentar, tarde será. Adianto que minhas palavras não possuem a força do consolo ou o alento da tristeza profunda. São apenas pensamentos tão passageiros quanto à poeira e as folhas secas. Poucas reflexões sobre o fim de todos aqueles que nos cercam. Não esquecendo que você também cerca alguém, ou seja, sobre o seu fim também! Afinal, mesmo não concordando com os vaivens da vida um deles se faz claro como o céu azulado: se nascemos, morremos. É justamente no intervalo entre o nascer e o morrer que as pessoas *tendem a viver*. Você pode se espantar quando digo *tendem a viver*, pois parece uma certeza inquestionável que é neste intervalo entre o nascer e o morrer que as pessoas *vivem*. Certos estaríamos se muitos dentre os humanos não jogassem fora este intervalo através da ridícula vontade de simplesmente existir sem entender que existir não é viver. Como nem eu nem você queremos tão somente existir e já está tarde para seguirmos a sugestão de Plínio, o Velho de que o *melhor mesmo seria não nascer*, não nos custa refletir um pouco sobre os planos não planejados que seguem a pleno vapor. Ainda mais você que se dispôs a me oferecer um pouco do seu tempo de vida ao ler o que escrevo!

Os humanos são seres interessantes quando o assunto em questão é o próprio fim, mas tão interessante quanto são as questões criadas pelos humanos para explicar a sua existência. Desse modo, criaram as mais diversas teorias para dar conta da realidade que é vivenciada por todos aqueles que um dia nasceram. Normalmente duas destas opções de se entender a realidade ganham maior espaço: a primeira propõe que o mundo que nos cerca é falho e tem como propósito nos enganar a todo o momento. Aquilo que sentimos através de nossos cinco sentidos – alguns se dizem especiais e outorgam-se o sexto sentido! – é a mais pura deterioração da verdade que se esconde num mundo além do perceptível, do físico. A segunda opção garante que a realidade percebida por nossos sentidos é aquilo que nos importa. Nada de perfeições extramundo, mas as perfeições e imperfeições pertencem ao próprio mundo. A partir destas teorias cada um busca o conforto ou o desconforto na insana tentativa de enganar-se a todo custo. Engano que revela os caminhos que cada humano há de escolher para trilhar até o momento de sua morte. Mas, como se tratam de *enganos*, nada mais comum do que enganar-se na escolha do melhor caminho e, tão logo percebido o engano, desfrutar das novas visões da trilha ao lado. Já nos disse Agostinho de Hipona quando vivo era: *se me engano existo!*

Tomados por esperanças, aflições, amores e ódios os *cadáveres adiados*, como diria o cadavérico Fernando Pessoa, transferem a questão da morte para instituições ou outros indivíduos como se a eles não a pertencesse. É o que chamo aqui de *medo do engano*. É preferível depositar e porque não, culpar o outro, a respeito de um possível engano do que admitir o próprio erro de escolha. Assim, as diversas vozes autorizadas pelos *cadáveres adiados* começam a falar

sobre o assunto comum a todos indicando incontáveis e confusas interpretações para tornar o fato consumado em fato apropriado. Desejosos e armados com belos discursos chegam ao ponto de afirmar que do nada viemos e para o nada voltaremos; ou de que dos céus viemos e para os céus voltaremos; ou de que das forças cósmicas viemos e para as forças cósmicas voltaremos. Até mesmo ritos específicos para todas estas idas e vindas são adaptáveis, pois ora é melhor cobrirmos as terras sagradas com o pó de nossos corpos, ora é melhor *nos* cobrirmos com as mesmas terras sagradas. Animado ou desaforado, um dos dois caminhos terá que tomar! Ou do pó veio e ao pó voltará; ou de carne e osso foi feito e de carne e osso se despedirá.

Espero que você perceba que estamos, praticamente, diante de uma querela ral: se algo tem início deve ter fim; se algo tem início pode não ter fim; se algo não tem início deve ter fim; se algo não tem início não deve ter fim. Contendas da mais alta loucura alguns diriam! Para outros, loucos também, são as noções de eternidade, mortalidade, imortalidade que estão em jogo. Numa palavra: o tempo. Dele falarei mais depois, no tempo certo.

Desculpem-me, mas seja qual for o enigma que irá sombrear o destino de cada um de vocês, nenhum retira o fator *morte* da conversa. Astutos e convincentes, aqueles que propagam as diversas teorias sobre o fim comum a todos, colocaram a morte na concha do ostracismo e se especializaram naquilo que surgiria ou não surgiria morte. Assunto que apenas gera animosidade, esperança, choro e vela, mas no fundo não é um problema para os humanos. Se Sócrates excluiu a Filosofia dos lábios das divindades visto o saber completo que já possuíam, talvez fosse melhor devolver a questão do *depois da*

morte para elas, visto ser um tema que apenas a completude pode se apropriar. Seja a completude do nada ou a dos próprios seres divinos. Agora, se há ou não há um *locus mortis* é preciso concordar que este já está feito. O céu, o inferno, o retorno ou o nada já estão postos! Neste ponto não tenho como discordar do finado Norbet Elias quando disse certa vez que *na verdade não é a morte, mas o conhecimento da morte que cria problemas para os seres humanos*. A morte é para todos os seres vivos, mas o conhecimento dela é a pedra no sapato para nós humanos. No fundo, o conhecer é o grande problema! Feliz os outros animais que não fazem ideia que podem morrer a qualquer instante e, além disso, não conhecem os diversos caminhos que podem ou não seguir *depois* da morte. Estar ciente de que vai morrer é o estigma que todos os humanos carregam com grande dificuldade.

Eis que então surge um duro paradoxo: o conhecimento da morte cria incontáveis problemas e somente a própria morte resolverá todos estes problemas. Como viver com este dilema tão marcante é o que me pergunto. O vivente Miguel Spinelli jogou com este paradoxo quando disse *o bom da morte é que ela resolve nossos problemas, mas o ruim disso tudo é que nós ficamos sem problemas*. E quem não gosta de um bom problema?! Ainda mais se isto significar estar vivo. Note que de tão desconcertante que é falar sobre a morte que já estou escrevendo a palavra *vivo*. Talvez a melhor maneira para retomar o assunto seja invocar aqueles que tudo sabem sobre a morte: aqueles há quem o tempo já devorou. Então abra os ouvidos para as lições daqueles que insistem em continuar nos expondo o fim: os esqueletos!

Hora ou outra alguns deles nos chamam a atenção para a condição que nos espera - com uma ironia mortal. Conta-se que três esqueletos vendo a preocupação de alguns viventes que andavam pelo

cemitério proferiram ossudas palavras que, juravam eles, era para acalmar os visitantes: *Oh andarilhos! Obrigado pela visita, mas vocês não nos parecem muito confortáveis com este passeio. Rostos preocupados, vozes baixas e duro caminhar. O que tanto os atormenta? Não sabem que a resposta para suas angústias é fácil? Escute nossas sábias palavras: o que hoje vocês são, nós fomos um dia. O que hoje nós somos, vocês um dia serão.* Quem disse que a ironia pertence aos vivos é porque não conheceu estas três caveiras falantes! E o que pensar da inquietante inscrição na Capela de Ossos portuguesa que alerta para uma previsão previsível ou seria sua previsível previsão, a todos os seus visitantes ao lettrar que *nós ossos que aqui estamos pelos vossos esperamos.* Curto recado para o apressado viajante que ainda não refletiu que terá um fim semelhante.

Mesmo com todos estes avisos ainda cabe a inquietação: como pensar sobre esta condição que mostra o traço mais embaraçoso da animalidade do humano? O animal que pensa; que das cavernas saiu e alcançou o espaço sideral; que usa joia e roupas tão caras; que é aquilo que *faz*; que se orgulha de suas diferenças em relação aos outros animais; embora no acerto final das contas se mostre tão perecível quanto à poeira e as folhas secas. Alguns preferem pensar a morte apenas como uma passagem para a vida definitiva, como diriam os escritores mortos dos Livros Sagrados. O falecido Agostinho de Hipona reforçou esta ideia quando chamou a todos os homens de *peregrinos entre mundos*. Outros pensam o embaraço da morte como uma declaração de guerra que os vermes impõem ao homem deixando apenas os cabelos na frialdade inorgânica da terra. Belas palavras de Augusto dos Anjos que foi um dos tantos poetas que perdeu esta batalha para os infernais vermes.

Como dito noutra ocasião, independente se existe ou não

outra vida após o fim físico do humano num plano existencial diferente do por nós experimentado, tais perspectivas não acrescentam pontos fundamentais nas discussões sobre o tema principal, qual seja, o da inevitabilidade da morte. Teístas, ateístas e agnósticos morrem todos os dias, eis a beleza da morte! Nela a igualdade é cumprida a risca. Para a morte a crença não é importante, pois morrer não é uma escolha. Volta e meia alguém escolhe a maneira de morrer, mas consumado o fato, no mundo por nós vivido, tudo volta a ser igual. Por isso mesmo que a morte não conhece ideologia e em raros momentos alimenta alguma utopia, pois a sua perfeição é absolutamente realizável. Seja de forma voluntária ou dos mais de mil tipos de mortes sem o consentimento humano, ela se fará ouvida! Algum sábio de rincões longínquos e que com certeza não está mais entre nós certa vez disse *que no final do jogo de xadrez tanto o rei quanto o peão voltam para a mesma caixa* – talvez nem sábio fosse. O que sei é que nem mesmo os vangloriosos franceses um dia sonharam em cantar liberdades, igualdades e fraternidades tão plenas como as Odes cantadas pela boca da morte.

Justamente por não lidar tão bem com a plena liberdade, igualdade e fraternidade o humano não compreende tal benesse. Talvez esta seja uma hipótese que tenta responder a estranha postura do humano em rejeitar – ou seria ignorar? – a completude e a infalibilidade da morte como se assim evitasse o sofrimento antecipado. Ou talvez seja a recusa do humano em aceitar o domínio régio da morte que sustentando toda a materialidade em suas firmes mãos transforma o *tudo* em *nada*. Também pode ser a descrença de que a morte exista até o instante em que ela se faz existir. Nem mesmo o consolo de que a morte existe para todos faz com que o humano se adapte a esta

realidade. Vladimir Nabokov brincava que os outros morrem, mas eu não sou outro; assim, não morrerei. Brincadeira que perdurou por 78 anos! Provavelmente a rejeição que o humano nutre pela ideia da morte seja oriunda do medo de quando tudo for silêncio e de quando os olhos que um dia viram muitas coisas passem a desmanchar-se com o desaparecimento do ser. Ainda mais em nossos tempos em que o silêncio já é evitado no dia a dia. Quanto mais barulho, mais vida, diriam os entusiastas das ilusões! Grandes são as chances de que se o cultivo do silêncio fosse maior em nosso cotidiano ele não assustaria tanto no final das coisas. É preciso dizer mais: a celebração do barulho afasta mais do que o silêncio; afasta o pensamento. E é neste ponto que as fantasias e o temor ganham espaço!

Por mais que você possa pensar – e eu ficaria grato se assim pensasse! – adianto que não estou isento das fortes asas da morte que ao baterem levantam poeira e folhas secas espalhando-as por todos os cantos. Também não busco transformar o processo de decomposição em algo vulgar, facilmente aceito ou mesmo poético, visto que escapa ao humano a passiva aceitação de seu próprio fim. Note que falo do próprio fim, pois o fim do outro é diferente. Tão diferente que até mesmo pensamentos considerados egoístas – ou seriam realistas?! – são nutridos. Quem nunca disse *antes ele do que eu* que atire o primeiro sapato. Bem conversado você até mesmo atiraria este sapato no outro, pois *antes nele do que em mim!* Sendo assim, é possível nutrir sentimentos mais positivos quando se está diante da morte do outro do que quando se está diante do próprio morrer. É verdade que um dos principais sentimentos que ocupa a mente ao ver o outro morrer é o medo de se ficar só – outro exemplo de egoísmo?! – e não o de seguir o mesmo caminho. Ao perceber a morte

do outro a autopercepção do fim parece nublar-se ainda mais. É a astuta característica da negação da própria mortalidade aparecendo até mesmo quando se tem diante de si a prova cabal. Daí o porquê de nunca se experimentar a morte, mas somente as suas sombras, os seus rastros, os seus bocados e poucos avisos. Diga-se de passagem, já é o suficiente para o estrago ser feito!

Veja que o não experimentar a morte oferece apenas conhecimentos de segunda mão àqueles que ficam. E aqui surge um traço intrigante do humano diante do desconhecido. Dou um rápido exemplo: ao responder negativamente perguntas como *você conhece a cidade de Pocitelj? ou conhece a Dona Maida?*, o cidadão não tem nenhum motivo para alimentar medos em relação à cidade ou a pessoa desconhecida. Se ele não conhece absolutamente *nada* sobre tais assuntos seria considerado um louco ao atribuir valores positivos ou negativos sobre *Pocitelj e Dona Maida*. Creio que o traço intrigante do humano já tenha ficado claro: temer o que não se conhece. O falecido Sócrates estava mais do que certo ao afirmar que nada sabemos sobre a morte e temê-la seria tolice ou uma ânsia de nos igualarmos aos deuses. Por que temer o que não se conhece se o que nos é conhecido já é suficientemente receoso? Não há triste destino nem má morte, diria Florbela Espanca. Ao que completo: apenas triste vida e infortúnios. Eis o estranhamento de se temer aquilo que não se conhece tendo tantas vivas verdades para se antipatizar. Tantos problemas criados *pelos e para* os humanos que são capazes de estremecer até mesmo a escura roupa da Morte. Perceba que a própria morte tornou-se um problema criado *pelo e para* o humano. Alguns dizem que este problema é justamente o preço – ou seriam os juros?! – que o humano há de pagar por estar ciente de seu fim, pois

todos os animais morrem, mas apenas um chora diante dos tristes versos da morte e relutantemente diz *eu vou morrer*.

Eu vou morrer. Dura frase para ser dita a toa, mas perceba que a proferimos várias vezes no cotidiano: *eu morro de vergonha; morro de canseira; vou morrer de fome; morro de frio ou morro de calor*. Evidentemente fala-se qualquer uma destas expressões com a intenção do extremo. Creio que é unânime que estar com fome é pouco se comparado a estar *morrendo de fome*. Por isso, nada mais extremado do que comparar um fato do dia-a-dia com a percepção da morte. A pessoa que profere tais palavras não irá morrer de fome, pois se assim fosse acontecer não teria forças para anunciar. Simplesmente morreria. Diz-se, sabiamente, que a fome e o cansaço em suas faces mortais se quer são passíveis de expressão. Justamente ao pensar sobre estas hipérboles surgiu um problema verdadeiro que deve ser enfrentado por todos. Adianto de que muitos não gostarão de enfrentar tal problema, pois ainda possuem o constrangimento como condutor de suas vidas. Mas eu, diferentemente de Sísifo, não tentarei enganar as divindades nem mesmo a morte, embora à vontade hora ou outra exista! Talvez o que me impeça de tentar enganar a morte seja a preguiça de rolar uma grande pedra até o alto de uma montanha e vê-la rolar para baixo repetidas e repetidas vezes. A morte é o momento de repouso e não de esforços em vão!

Mas de que problema falava-se anteriormente? Como não se pode vencer o invencível eis que me pergunto: Morte rouca ou louca e se hoje fosse o dia em que cessaria a minha existência? O que eu pensaria?

Nenhum traço de ingenuidade ou de tragédia marca esta pergunta. Somente o exercício de um pensamento que se depara

com uma das faces mais reais da chamada realidade. A pergunta não é levada a sério por aqueles que contaminados pela postura adotada por muitos indivíduos dos dias de hoje, qual seja, o júbilo das inverdades e o gradual afastamento das questões existenciais, não compreendem que cabe somente ao homem pensar sobre a própria finitude. Novamente digo que assumir a morte como partícipe de nossas decisões e vivências não é vulgarizá-la, mas integrá-la aos nossos planejamentos de vida. Então porque não se faz isto com a naturalidade que o assunto pede? Em nossos dias, alguns culpam a escravidão tecnológica que com suas algemas virtuais aprisionou o homem num mundo em que tudo se reinicia com a naturalidade que não é comum à vida do humano. O *poder fazer de novo* retirou a noção de finitude substituindo-a pela ideia do imediato retorno. É possível repetir uma ação por mil vezes sem nenhum esforço. Ou pior, é possível ressuscitar um personagem quantas vezes forem necessárias para levá-lo longe da aurora da inexistência.

Não se tratam de inocentes palavras contra os braços potentes da tecnologia, mas de provocações que levem à reflexão da finitude da vida humana. Ou você pode ignorar o papel formador e formatador dos meios tecnológicos nos dias de hoje? Papel que ganha ainda mais celulose numa sociedade acostumada a celebrar todas as coisas que mais se afastam das verdades: a riqueza, o poder, o status, a beleza, o imediato, o ver e o ser visto. Aqui, é claro, retomo a questão filosófica do início de meu texto: as verdades estão disponíveis ao contato sensitivo ou acessíveis apenas pelo exercício do pensamento? Se Shakespeare estivesse vivo talvez evocasse o seu verso hamletiano *Dormir... Talvez sonhar: eis onde surge o obstáculo; pois quando livres do tumulto da existência, no repouso da morte o sonho que tenhamos deve*

fazer-nos hesitar: eis a suspeita que impõe tão longa vida aos nossos infortúnios. Sonhar, existir, morrer, aparências e verdades! Quantos problemas para quem está em seu último dia de vida. Serão apenas as poeiras e as folhas secas que carregam as verdades que o homem não consegue ver nem sentir? Sem alcançar respostas sigo com minhas reflexões finais, pois pouco tempo me resta e será mais nobre em nosso espírito sofrer pedras e flechas ou insurgir-nos contra um mar de provocações?!

De mãos dadas à noção do *poder fazer de novo* o culto à juventude também retira quaisquer sentidos de minha provocação sobre o cessar da existência. Em tempos longínquos que nem mesmo *Mnemosyne* há de se lembrar não se queria morrer jovem – a não ser se você fosse um herói destemido e egocêntrico! Vontade de viver absolutamente compreensível, pois o fechar das cortinas é esperado para àqueles com o rosto cheio de rugas, cabelos brancos e todos os signos da decadência. Feliz era aquele que morria trajado com as marcas da velhice! Eis que nos dias de hoje um paradoxo se apresenta: continua-se sem querer a morte em branda idade, mas, ao contrário do que os felizes mortos de antigamente almejavam, se quer morrer com a meiga pele virginal. Retiram-se as rugas e as marcas da idade, pintam-se os cabelos, modificam-se os traços de nascimento. Como se assim falassem à Senhora do Fim: *Condenado estou, mas não me devorarás como um velho decaído. Oh, Morte! Olhes para meu rosto e veja que engano cometerás. Não reconheces em mim aquele jovem que um dia fui?* Tenta-se convencer até mesmo a morte com fracas verdades e vil artimanhas. Agora, feliz é aquele que morre velho parecendo um jovem embalsamado. O já morto Scott Fitzgerald não acreditaria que um dia seu conto *The Curious Case of Benjamin Button* se tornaria

quase realidade: é verdade que ainda não se nasce velho, mas se morre com rosto de bebê. É certo de que a imortalidade não se mostra no horizonte humano, mas já se ouvem hinos de louvor à filha legítima de Zeus e Hera, a deusa Hebe. Viva a eterna juventude.

Ledo engano, diriam os deuses dotados da verdadeira eternidade. Embora os humanos pudessem responder que a eternidade dos deuses advém, em grande medida, dos próprios homens. Quem nunca se sentiu provocado com o questionamento *são os deuses que precisam dos homens ou os homens que precisam dos deuses?* Até mesmo o genial Michelangelo deixou suas dúvidas no memorável apontar de dedos entre Deus e Adão. Quem criou quem? Quem precisa de quem? Questões que atingem tanto a vida quanto os sonhos. Daí minha preferência pelas feridas de uma vida vivida à pele alva de uma vida sonhada ou fingida. No sonho não morro e no menor sinal de quaisquer sofrimentos basta o abrir dos olhos para que tudo desapareça. Já na vida vivida a regra é outra: se abrires os olhos, verás e morrerás. Eis de se acostumar! E neste jogo os deuses aplaudirão ou vaiarão o seu desempenho.

Creio que já foi possível perceber que o humano se acostuma com tantas coisas, mas com a naturalidade da morte não. Deuses, beleza, riquezas, tristezas e todos os signos possíveis de aceitação e negação da morte são citados. Contudo, não há como evitar os passos largos do tempo que levantam poeira e folhas secas por onde passam. O tempo com fome voraz e permanente insaciedade a tudo engole. Cinco, dez, quinze ou trinta anos. Apenas marcações que iludem com números crescentes até atingir o maior decrescente. Independe em qual número estará, pois todos serão retirados com um só golpe. Aí entram os meus 30 anos ainda em forma crescente, mas com a

inquietação que lá atrás ousei levantar – *e se hoje fosse o último dia?*

Está claro para mim que este punhado de anos não foi o suficiente para cumprir com todos os planos de uma vida pensada sem as devidas considerações do inevitável fim. Esta falta de reflexão sobre o cessar da existência material é o retrato do erro mais comum entre os humanos: vivem como se nunca fossem morrer e morrem como se nunca tivessem vivido. Novamente constroem-se artifícios para enganar a morte: signos, símbolos, metas para que a percepção da mortalidade ganhe marcas de renovação. A cada ciclo cumprido uma nova Fênix ressurge. Calva, com rugas e esbranquiçada, visivelmente ultrajada pelo tempo e derrotada desde a sua tenra criação, mas conservando a fagulha do fogo acesa.

Destes ciclos que o humano cria para deixar mais dinâmica esta vida com prazo de validade, diz-se que antes de se chegar ao fim da existência deve-se plantar uma árvore, escrever um livro e conceber um filho. Todos os signos que devem ocupar o lugar que antes fora ocupado por aquele que não mais estará aqui. Se assim fosse, como você ficaria? De minha parte breves palavras tenho a dizer: um lindo ipê amarelo foi plantado num longínquo jardim, mas tal ação não teve o aval da consciência de um fim, somente legitimou o registro de mais um Dia da Árvore dentre tantos outros que viriam. O livro foi escrito e partilha as estantes com outros nomes que um dia por aqui também passaram, mas assim como no caso da árvore a percepção do fim não estava presente quando fora escrito. Mesmo se consciente estivesse que através da árvore ou através do livro eu voltaria triunfante nos lábios da humanidade não me permito tantos enganos, pois nem mesmo as folhas secas das árvores sobreviverão aos ventos do tempo e também os empoeirados livros serão ocultados por tantos outros

nomes que desejam desesperadamente sobreviver neste mundo sem memória. Ei de concordar comigo: quão ínfima ficaria a percepção da vida se esta estivesse limitada às coisas materiais tão mortais como o eu. Ah sim, do filho, não falarei. A morte não mereceria ouvir os meus planos sobre um dos traços de máxima dignidade do estar vivo. Poderia levar-me tudo, mas deste assunto só terias o silêncio e a frieza que já me reservaste na profundidade da terra.

Fora a árvore, o livro e o filho o que mais passaria em minha imaginativa cabeça de condenado? Um condenado de grande sorte, pois a lucidez ainda se faria presente. Ironia...alguma ainda resta neste momento de reflexão final? Talvez uma ironia acompanhe a cabeça de todos que chegam conscientes ao momento final: quer maior deboche do que pertencer a um grupo de animais falantes e risonhos que de tudo falam e riem, mas não sabem quem são, de onde vieram e para onde irão? Questionamentos que se aproximam das boas e velhas piadas longas que antes mesmo de terminá-las todos já sabem o seu fim. Só não o entendem, pois saber o fim não é saber para onde ir. Eis o resultado: vive-se numa charada em que várias respostas são dadas, mas nenhuma contenta a aritmética dos coveiros, diria Augusto dos Anjos. E quando, em seu esplendor, o fio da foice brilha no rosto esperançoso do jovem ou na funesta face ascética do velho nem mesmo um sorriso retira desta vida de ironias. Tantas boas charadas, mas nenhuma boa risada. À merda aqueles heróis que olhavam a face da morte e riam. Aposto que no fundo de suas calças ficava a verdadeira marca do riso. Na morte não há alegria. Na morte não há beleza. Na morte não há poesia. Não morte não *há*.

Talvez o caminho seja o de buscar no viver a beleza que se prolonga até a certeza do morrer. Caminho que cada vez fica mais

pesado com o acúmulo dos passados e mais leve com a falta dos futuros. Então o belo estaria em tudo o que se foi e no pouco que se há? Tal assertiva seria uma mera vantagem para aqueles que adornam suas cabeças com fios brancos. Um reconforto para o pouco futuro que lhes aguarda. Além, é claro, de uma confusão entre o tempo que se vive e o tempo que se existe. Alguns fortes jovens muitos deixam amigos e amores em pouco tempo de existência e muito de vivência. Tantos outros velhos que nas planícies existiram por longos anos deixam poucas lágrimas e sorrisos graças a pouca vivência.

A verdade é que se hoje fosse meu último dia de existência olharia espantado para a morte e com a boca seca daria meu último sorriso - não para a morte, mas para mim mesmo - com a lembrança de Homero dizendo *Eia, meu amigo, morre tu também! Por que lamentas a sorte? Também morreu Pátroclos, que valia muito mais que tu!* Sem a soberba postura de um sábio estoico que fecha os olhos e morre calmamente eu os fecharia para reviver o velho ensinamento: se boa vida teve boa morte terás. Sem a perplexidade dos problemas éticos que me faria questionar o caminho de minha vida dedicaria meus últimos instantes ao desprendimento. A angústia da incerteza do da única certeza não mais me prenderia, assim como, o medo de ter ciência do exato fim não seria mais um problema. O fim é agora, diria eu. Quando fosse chegada a hora quebrar-se-ia o encanto do viver e do morrer sem pensar na tristeza ou na alegria. Apenas o desprendimento ditaria o próximo comando!

No fundo, o humano não teme o cessar da existência, mas teme o *tempo*. Tanto a falta quanto o excesso de tempo. Vendo desta maneira a morte nada mais é do que um paradoxo temporal: se de um lado acaba com a noção de tempo que seguimos enquanto vivemos, do

outro lado ela descortina o tempo dos deuses e do nada, a eternidade. Silenciosa ou festiva, sonhada ou negada. Fato é que tantas são as vozes que ouvimos, mas apenas um destino sabido para todas. Reis e peões ao findar o jogo de xadrez retornam à mesma caixa lado a lado. Ou seja, aqui nem você nem eu ficaremos. Nem mesmo as folhas secas e poeiras.

Ainda aceita um galo, Asclépio?

Thiago David Stadler (PR), historiador e professor. Doutor em História pela UFPR> Publicou: *O Império Romano em cartas: glórias romanas em papel e tinta* (Plínio, o Jovem e Trajano 98/113 d.C.); *Escritos de Filosofia e Política* (org.). É professor do Colegiado de Filosofia da Universidade Estadual do Paraná

ARTIGO

Identidade e poder no Conto “A moça tecelã”, de Marina Colasanti*

Por Cinthia Freitas de Souza

Neste artigo, tratar-se-á da constituição da identidade do sujeito feminino no conto “A moça tecelã”, da escritora Marina Colasanti*, assim como a relação mulher e homem que se desenvolve nesse conto por meio dos estudo de gênero.

O conto foi publicado inicialmente em 1983 no livro *Doze reis e a moça no labirinto do vento* (nome de um dos contos dessa publicação). A escritora o compõe estruturalmente como sendo um conto maravilhoso. Partindo de elementos como reis, rainhas, camponeses e reinos cujos nomes não se sabe e ações fantásticas e cheias de magia, Colasanti atualiza esse gênero literário uma vez que traz conflitos universais e atemporais do ser humano contemporâneos à época em que escreveu: na efervescência do movimento feminista.

Além disso, a escritora também altera esse gênero literário quanto a sua estrutura clássica. Percebe-se isso, por exemplo, quando seus contos fogem a dois traços linguísticos típicos desse gênero textual: o “Era uma vez” e o “Viveram felizes para sempre”. Sobre isso, Maria Helena T. Buarque e Célia Regina D. Fernandes (2011) afirmam que:

* Nascida em Asmara na atual Eritreia (África) em 1937, depois de viver na Itália por onze anos, Marina Colasanti veio para o Brasil em 1948. Formou-se em Artes Plásticas, trabalhou em revistas femininas, como Cláudia e Nova. Exerceu atividade jornalística, de produção literária de livros para adultos e infantojuvenis e de ilustração dos próprios livros.

é possível elencarmos algumas pequenas diferenças estruturais com relação ao conto tradicional. A moça tecelã não contempla o famoso *Era uma vez...* em seu início. [...] E da mesma forma temos o encerramento do conto, substituindo a marca tradicional *E foram felizes para sempre* para, novamente, o relato sutil do recomeço de um novo dia da moça que tece. (BUARQUE; FERNANDES, 2011, p. 175-176, grifos das autoras).

Além dessa diferença estrutural, no que se refere ao enredo da narrativa, já é habitual o fato de a princesinha, numa posição passiva, esperar o príncipe encantado que lhe salvará dos perigos aos quais foi exposta. Quando ele finalmente a resgata, conseqüentemente, segue-se o casamento e a felicidade eterna.

Desse modo, se após ser resgatada, a princesa se casa com o príncipe e, dedutivamente, vivem felizes para sempre sem que se saiba posteriormente o cotidiano do casal, ao reatualizar o conto de fadas, Colasanti agora apresenta o dia-a-dia do matrimônio e revela que nem sempre o casamento será permanentemente feliz. Nos contos maravilhosos, ou mais comumente, nos contos de fadas, o casamento é para a figura feminina o seu único destino. Sua felicidade depende de estar ao lado, para sempre, de um homem. Essa figura masculina é aquele que trará a alegria para a vida das princesas. Esse gênero literário evidencia, portanto, a construção estigmatizada da identidade da mulher. Socialmente a mulher realizada seria aquela que constitui uma família e sobre a qual recai o sucesso ou o fracasso do lar.

A feminista Tania N. Swain (2000), ao discorrer sobre a construção da identidade no corpo feminino, afirma que a condição social da mulher e as exigências impostas a ela têm mudado, como

por exemplo, a obrigatoriedade da virgindade para que possa se casar. Todavia, ainda algumas normas sociais se mantêm, conseqüentemente, “o casamento e a maternidade povoam os sonhos e o imaginário das mulheres, que se consideram completas apenas se forem mães e esposas” (SWAIN, 2000, p. 54).

É justamente essa concepção que será refutada no conto “A moça tecelã” (a de que uma mulher, para se sentir realizada, precisa impreterivelmente ser mãe e esposa). Dessa maneira, vê-se que o conto revela uma mensagem crítica à condição imposta à mulher, ao evidenciar que a felicidade dela não está obrigatoriamente num casamento. Acerca dessa consideração, Elenara Litz e Ângela da Rocha Rolla (2007) asseguram:

O conto dirige-se ao público infantil, [mas] não é neutro nem inocente. Em lugar de conduzir a uma acomodação, investiga. No conto, a fantasia desmistifica o real, em vez de camuflá-lo. O imaginário é uma ferramenta convincente. Em sua riqueza e abertura há várias leituras, o conto dá ênfase, entre algumas questões abordadas, à importância de se repensar o conceito de um relacionamento conjugal, bem como o relacionamento da personagem consigo mesma. (LITZ; ROLLA, 2007).

Em suma, tratar-se-á a seguir da construção de identidades da personagem central da narrativa e da relação de poder que se mantém entre ela e o marido por meio da teoria de gênero.

(Des)tecendo as identidades

Antes de desenvolver a análise, é necessário fazer um resumo da narrativa: Uma jovem era tecelã. Mas ela não produzia apenas tecidos, pois seu tear era mágico e tudo o que a jovem tecia ganhava vida, como se verifica na passagem que segue:

Nada lhe faltava. Na hora da fome tecia um lindo peixe, com cuidado de escamas. E eis que o peixe estava na mesa, pronto para ser comido. Se sede vinha, suave era a lã cor de leite que entremeava o tapete. E à noite, depois de lançar seu fio de escuridão, dormia tranquila. (COLASANTI, 2003, p. 10).

Quando um dia sentiu-se só, a jovem teceu um marido. Inicialmente viviam felizes até que seu cônjuge descobriu a magia do tear e, ambicioso, passou a ordenar que a esposa tecesse riquezas: um castelo para que morassem, muitos criados, cavalos... Um dia, ele a prendeu na mais alta torre do castelo em que moravam e a moça então percebeu que estava infeliz. Desejou novamente ficar sozinha. Certa vez, enquanto o marido dormia, ela finalmente decidiu destecer tudo, inclusive o esposo, que não pôde fazer nada, pois, quando acordara, a moça já lhe destecia os pés. Sozinha novamente, a moça sentiu-se feliz, tecendo uma linda manhã que apontava no horizonte.

Nesse contexto, pode-se perceber a mudança de estado da personagem central. Identificamos inicialmente uma mulher que, se sentindo sozinha, procura um marido para completar-se, acreditando que ele lhe trará a felicidade que procurava. Posteriormente vemos uma mulher que se sentia infeliz com o casamento e que percebe então que não seria um marido que a deixaria contente. Assumindo o controle de sua vida, a moça decide acabar com o casamento (que

no conto acontece quando ela destece tudo que o marido havia lhe mandado tecer, inclusive ele mesmo).

Há aqui uma personagem que muda sua postura, muda seus sentimentos. Há, portanto, duas identidades em um único corpo. Identidades que emergem a partir das experiências vividas por essa personagem. Primeiramente, vê-se uma mulher que acredita que sua felicidade será completa quando tiver um marido e filhos. Posteriormente, emerge-se um perfil de mulher que rejeita a submissão imposta por um casamento que não a satisfazia mais, libertando-se desse compromisso.

Essa mudança de comportamento é perfeitamente aceitável para os estudos de gênero. A feminista já citada aqui, Tania Swain, num artigo intitulado “Identidade pra que te quero?”, afirma que frequentemente, a “identidade” é entendida como sendo a “raiz” do indivíduo. Essa raiz, contudo, não passa de “configurações culturais” impostas pela sociedade, que determina qual é o comportamento apropriado para os homens e para as mulheres. Com o objetivo de romper com essas imposições, Tania Swain expõe:

As identidades não passam de construções passageira, fluidas, com pousos esporádicos, lá onde o presente se torna passado; em processo, eu sou apenas um projeto de mim, aquela que já passou e que ainda não é. Que não será nunca sendo. (SWAIN, 2006).

Dessa maneira, aceitando a inconstância da identidade como sendo “pousos esporádicos”, conforme se revela no conto “A moça tecelã”, a personagem central representa um comportamento

* Artigo apresentado numa palestra proferida na UFSC em 2006. Disponível em: <<http://www.tanianavarrowswain.com.br/brasil/identidade%20p%20q%20te%20qyero.htm>>. Acesso em: 08 nov. 2012.

mutável. Se no início da história, ela sonha com um casamento, ao acreditar que um marido lhe traria a completa felicidade, no decorrer da narrativa, a moça que tece percebe que sua felicidade não depende exclusivamente da presença de um homem em sua vida.

Essa mutabilidade identitária também é tratada por Stuart Hall (2005). Segundo esse autor, se antes a identidade era entendida como sendo inata ao sujeito a qual determinava um ser de caráter centrado e unificado, no indivíduo pós-moderno, essa estabilidade é entendida como “fantasia”. Nesse sentido, devido a movimentos sociais, não só o sujeito, como também a própria sociedade se tornam múltiplos.

Hall apresenta então “cinco grandes avanços na teoria social e nas ciências humanas” que promoveram a multiplicação do sujeito, entre eles, destaca-se o Movimento Feminista, o qual trata de questionar as relações conflitantes entre homens e mulheres a partir das imposições culturais. Nesse sentido, de acordo com o pesquisador: “O sujeito previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas” (HALL, 2005, p. 12).

Se se pensar no conto analisado, a moça tecelã revela um comportamento contraditório. A pessoa que procurava o apoio de uma figura masculina é a mesma que se desfez dela. Veja-se o que conta a narradora inicialmente:

Mas tecendo e tecendo, ela própria trouxe o tempo em que se sentiu sozinha, e pela primeira vez, pensou como seria bom ter um marido ao lado. [...] Aquela noite, deitada contra o ombro dele, a moça

pensou nos lindos filhos que teceria para aumentar ainda mais a sua felicidade. (COLASANTI, 2003, p. 12).

A partir desse fragmento, é possível perceber que a moça sonha com a família que constituiria com o marido. Pensar na vida doméstica a deixava feliz. Contudo, devido ao desgosto que tivera com o cônjuge, veja-se agora o que acontece: “E tecendo, ela própria trouxe o tempo em que sua tristeza lhe pareceu maior que o palácio com todos os seus tesouros. E pela primeira vez pensou como seria bom estar sozinha de novo” (COLASANTI, 2003, p. 13).

Isso reforça a ideia de que a identidade é constituída aos poucos, a cada experiência vivida. A negatividade na experiência do casamento faz com que a moça que tece não queira mais permanecer casada. Ela rompe, por conseguinte, com a imposição criada pela sociedade, isto é, pelo gênero ao corpo feminino de que a mulher deve manter seu casamento.

Vale salientar o seguinte sobre a teoria de gênero. Esta analisa as relações desiguais entre homens e mulheres, que seriam estabelecidas não por questões biológicas, mas pelo caráter social, ou seja, as concepções acerca da mulher e do homem são criações culturais, isto é, são construções de gênero e não necessariamente de sexo*. Se outrora, o termo “gênero” fora usado como sinônimo de “mulher”, atualmente ele não se limita à figura feminina, pois o termo entende que as informações sobre as mulheres são informações sobre os homens, como assegura Joan Scott (1995). Essa mesma

* O termo “gênero” é adotado inicialmente pelas feministas americanas (gender) a fim de negar que as desigualdades estabelecidas entre homens e mulheres sejam de caráter estritamente sexual, isto é, devido exclusivamente ao determinismo biológico o qual constitui os órgãos sexuais de cada um. Segundo as feministas, a distinção é marcada predominantemente pela cultura, isto é, pelo aspecto social através do gênero, e não pelo aspecto biológico, isto é, pelo sexo.

feminista postula que o gênero trata das construções culturais e, dessa maneira, discute-se “a criação *inteiramente social* de ideias sobre papéis adequados aos homens e às mulheres. Trata-se de uma forma de se referir às *origens exclusivamente sociais* das identidades subjetivas de homens e mulheres” (SCOTT, 1995, p. 75, grifo nossos).

Como dito anteriormente, o aspecto cultural é fator imprescindível para não só entender, mas também para desconstruir a desigualdade estabelecida entre o feminino e o masculino. Estudá-los concomitantemente já seria uma maneira de romper com questões de discriminação. É o que se faz neste trabalho ao analisar a relação do casal.

Vale trazer ainda as considerações de outra feminista, Guacira Lopes Louro (2003). Segundo ela, as justificativas das desigualdades sociais são explicadas a partir dos arranjos sociais, e não pelas diferenças biológicas. A desigualdade entre os gêneros determina, por exemplo, que socialmente o espaço destinado às mulheres seja o doméstico e aos homens, o público.

Ao pensar em constituir família, isto é, ter filhos com o marido, a identidade da moça tecelã ia ao encontro da imagem preestabelecida e destinada às mulheres pela sociedade, isto é, a de limitação ao espaço doméstico, à família. É válido retomar então o que aponta Tania Swain ao afirmar que o destino da mulher ainda parece ser o casamento e maternidade.

Conforme elucidada essa feminista, a maternidade é fator que controla a mulher e a coloca em uma posição inferior ao homem. A partir disso, cria-se uma imagem de que a “verdadeira mulher” seria a “mãe/esposa/dona de casa”. Percebe-se, entretanto, que, no desenrolar da narrativa, a moça tecelã rompe com essa representação,

destecendo o marido. Essa decisão, entretanto, não significa tristeza. Ao contrário, quando se vê livre de um marido que a subordinava, a jovem esposa percebe-SE feliz novamente, como se pode verificar na passagem a seguir:

A noite acabava quando o marido, estranhando a cama dura, acordou e, espantado, olhou em volta. Não teve tempo de se levantar. Ela já desfazia o desenho escuro do sapato, e ele viu seus pés desaparecendo, sumindo as pernas. [...] Então, como se ouvisse a chegada do sol, a moça escolheu uma linha clara. E foi passando-a devagar entre os fios, delicado traço de luz, que a manhã repetiu na linha do horizonte (COLASANTI, 2003, p. 14).

Vejamos que, após o fim do casamento, a jovem tece a luz da manhã. Tece a chegada de mais um dia que ela queria viver e que não pôde apreciar por algum tempo durante o casamento, uma vez que passou a trabalhar para satisfazer os caprichos do marido.

(Des)tecendo o poder

Como se vê no conto “A moça tecelã”, rompe-se a concepção de que a mulher é obrigatoriamente submissa ao homem, representado quando a personagem se “separa”, pois o cônjuge não mais atendia às expectativas da moça. Essa decisão é tomada quando a protagonista é explorada pelo marido que passa a exigir que ela teça riquezas depois de descobrir que o tear era mágico. Nesse contexto, durante um período, o marido exerceu poder sobre a personagem.

Segundo o filósofo francês Michel Foucault (2011), o poder está

em toda a parte, porque ele se origina de todos os lugares. Por estar presente em tudo, o poder não é uma instituição ou uma estrutura, nem mesmo é algo de que alguém possa ser dotado, na verdade, o poder “é o nome dado a uma situação estratégica complexa numa sociedade determinada” (FOUCAULT, 2011, p. 103).

Desse modo, o marido exercia inicialmente domínio sobre sua esposa, pois, ao “ordenar” que ela mantivesse o luxo dele, a moça sempre o acatava em silêncio, sem fazer objeções. Ainda de acordo com Foucault, o discurso veicula e produz o poder, todavia o silêncio também lhe dá “guarita”, ou seja, o protege, o mantém. Ficar em silêncio, aumentava a força repressiva do marido sobre a moça tecelã. O ápice desse domínio acontece quando ele a prende num quarto da torre mais alta do castelo em que viviam. Segundo Maria Helena Buarque e Célia Regina Fernandes (2011, p. 180-181), recorrendo à Psicanálise, essa torre simbolizaria o falo, isto é, o poder masculino do marido que exerce o poder através de estratégias de controle e submissão.

Vale ressaltar, apoiando-se novamente em Foucault, que o poder aparece em meio a relações desiguais, mas móveis. Isso significa que só haverá uma situação estratégica de poder se houver mobilidade e a possibilidade de resistência. Desse modo, é preciso que o outro, o dominado, tenha a possibilidade de escapar, de inverter a situação. É justamente o que acontece no conto quando a moça tecelã, ao valer-se do sono do marido, o desfaz, ou seja, ela reage contra o sujeito que a dominava momentaneamente. Ao fazer isso, inverte-se a situação, rompendo-se com o poder de domínio por parte da personagem masculina.

Dessa maneira, refuta-se a ideia fixa de que o homem é o

polo dominante e a mulher seja o polo dominado, uma vez que a rigidez nas relações não existe. A mulher pode inverter essa condição, visto que o poder não pertence ao homem, porque, na verdade, não pertence a ninguém. Como já dito, o poder é uma situação estratégica desenvolvida. Vale trazer novamente as palavras de Foucault ao afirmar que “o poder não é algo que se adquira, arrebate ou compartilhe, algo que se guarde ou deixe escapar; o poder se exerce a partir de inúmeros pontos e em meio a relações desiguais e móveis” (FOUCAULT, 2011, p. 104). A mobilidade das relações é, portanto, o ponto central que justifica a possibilidade de a moça que tece, insatisfeita com o seu casamento, libertar-se.

Se recorrermos à simbologia do trabalho do tear, ele revelaria a importância das mulheres na sociedade ao desenvolver esse ofício. Jean Chevalier e Alain Gheerbrant (1997) descrevem que, em regiões africanas, “fiar e tecer significam para a mulher o mesmo que lavar significa para o homem: associar-se à obra criadora” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1997, p. 432). Nesse contexto, a moça tecelã valeu-se de seu trabalho para não ser subjulgada pelo marido, pois o tear já conotava a não inferioridade dela. O tear era o objeto que lhe garantia uma vida autonomia.

Quem tece tem o controle da situação, portanto essa atividade pode ser entendida como sendo uma estratégia de manutenção do poder. Aparece na literatura da Antiguidade como em *A odisseia* em que Penélope tecia para garantir que o lugar do marido Ulisses não fosse tomado por ninguém ou como no mito das irmãs moiras, que representavam o destino das pessoas. Elas tinham o controle do nascimento e da morte dos seres. Elas decidiam quando o fio da vida devia ser cortado.

Se se voltar à questão de criação do trabalho de tear, era exatamente o que a personagem central fazia, ela criava o sol, a chuva, seu alimento. Era, portanto, um objeto de liberdade. Era esse instrumento que lhe garantiria a autonomia social. A figura do marido, ao exigir que a esposa produzisse bens a ele, impedia que a moça tecelã criasse e sentisse-se livre e independente, por isso foi preciso cortar-lhe o fio da vida, foi preciso desfazê-lo, como uma moira.

Considerações finais

Subsidiada principalmente pelos estudos de gênero, esta análise objetivou avaliar a relação entre a mulher e o homem, por meio de concepções acerca da identidade do sujeito pós-moderno e das relações de poder no casamento. Como se percebe, no que se refere às identidades, estas são entendidas como sendo flexíveis e múltiplas. Um único indivíduo pode apresentar um perfil contraditório, visto que as identidades são constituídas a cada momento, a cada experiência vivida pelo sujeito. É por isso que a moça tecelã, que no início da narrativa sonhava com um marido e filhos para completar sua felicidade, ao final do conto, desfaz-se do cônjuge sem que isso a deixasse infeliz. Ao contrário, ela queria viver as manhãs que não vira durante o tempo em que trabalhava para satisfazer os caprichos do marido.

Quanto ao sentido de poder, evidencia-se que essa força não pertence a nenhum indivíduo. Ele se estabelece por situações estratégicas em relações desiguais. A mobilidade nas relações permite que o sujeito que é dominado possa inverter sua situação. No conto

analisado, essa possibilidade é representada quando a moça tecelã destece seu marido, ou seja, quando se rebela contra o poder da figura masculina.

Diante do exposto, infere-se que a narrativa de Marina Colasanti propõe um caráter subversivo, no sentido de promover a reflexão dos paradigmas sociais estabelecidos aos homens e às mulheres, ao revelar que o fato de não seguir esse padrão, não necessariamente, torna o indivíduo infeliz. Às vezes, é o fato de reagir contra os moldes que traz a serenidade ao sujeito feminino.

Vale ressaltar ainda que esta análise não é uma tentativa de condenar o casamento. Trata-se apenas de reavaliar as relações entre homens e mulheres a fim de que esse relacionamento possa ser beneficiado, sem que haja imposições repressoras aos dois sujeitos envolvidos. Nesse sentido, a metáfora “(des)tencendo”, presente nos subtítulos deste artigo, parece favorável ao tema, uma vez que, a todo instante, o indivíduo tece e destece sua identidade, tem e não tem o poder.

REFERÊNCIAS

- BUARQUE, Maria Helena Touro; FERNANDES, Célia Regina Delácio. *Reencantos e ressignificações no conto de fadas contemporâneo: uma análise de A moça tecelã*. *Anuário de literatura*. [online] Disponível em: <<http://periodicos.ufsc.br/index.php/literatura/article/view/2175-7917.2011v16n1p171>>. Acesso em: 13 dez. 2012.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. 11. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1997.
- COLASANTI, Marina. *A moça tecelã*. In.: COLASANTI, Marina.

Doze reis e a moça no labirinto do vento. 11. ed. São Paulo: Global Editora, 2003. p. 10-14.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade: a vontade de saber*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque, J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2001. v.1.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. p. 7-46.

LITZ, Elenara; ROLLA, Ângela da Rocha. *A imagem feminina retratada no conto “A moça tecelã”*. [online] Disponível em: < <http://guaiba.ulbra.br/seminario/eventos/2007/artigos/letras/233.pdf>. Acesso em: 13 dez. 2012.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 14-56.

SCOTT, Joan Wallach. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. In.: SCOTT, Joan Wallach. *Educação e realidade*. Porto Alegre, 1995, v. 20. p. 71-99.

SWAIN, Tania Navarro. *A invenção do corpo feminino ou a hora e a vez do nomadismo identitário*. SWAIN, Tania Navarro (org.). *Textos de História: dossiê feminismo, teorias e perspectivas*. Brasília, v. 8, n. 1/2, p. 47-84. 2000.

SWAIN, Tania Navarro. *Identidade, pra que te quero?*. [online] Disponível em: < <http://www.tanianavarrowswain.com.br/brasil/identidade%20p%20q%20te%20qyero.htm>>. Acesso em: 08 nov. 2012.

Cinthia Freitas de Souza. Nascida em Montes Claros (MG); graduada em Letras/Português pela Universidade Estadual de Montes Claros (MG). Atualmente é mestranda em Letras/Estudos literários na mesma instituição.

ARTIGO

Sendas da religiosidade afro-amazônica
na *belle époque* amazônica*

Por Clei Souza

Neste trabalho, propõe-se, por meio das manifestações do sagrado na Literatura, o questionamento de dois mitos presentes na história da Amazônia: uma identidade exclusivamente euro-indígena, e o de que as manifestações da afrodescendência quase não existiram durante o período do fausto da borracha na capital paraense, conhecido como *belle époque* amazônica, vindo a surgir somente com o declínio do referido ciclo.

Neste trabalho, interessa também perceber como, na Belém da *belle époque* e pós-ciclo gomífero, se intensificou uma estratificação que relaciona classe e raça, que, dentre outras manifestações afro-amazônicas, buscou ocultar a existência das expressões religiosas dessas comunidades na cidade. Para tanto, será analisada a obra *Belém do Grão Pará* (1960), ambientada em 1922, cujo autor, Dalcídio Jurandir, além de pesquisador sobre a questão da afrodescendência, estava relacionado ao universo afro-amazônico pela sua própria vivência familiar e também por ser natural dos campos do Marajó, onde a produção do gado desde o período colonial fez com que um grande número de africanos fosse lá escravizado, marcando fortemente a cultura daqueles campos.

Esse tensionamento social em Belém, exemplificado pelo racismo religioso institucionalizado desde a colônia, cujo auge seria o fechamento de todos os terreiros afro-amazônicos em Belém em 1937, vai ser um elemento exposto em *Belém do Grão Pará* (1960), e

* Este estudo é parte da tese de doutorado do autor.

em todo o ciclo dalcidiano, composto de dez obras. No caso da obra em questão, tem-se os terreiros como espaços religiosos enquanto linhas de fuga, sempre afastados do centro da cidade, longe do controle do poder disciplinar, para usar uma expressão foucaultiana, e próximos de espaços dos quais os moradores brancos do centro não queriam aproximação, como um antigo lazareto e o lugar para onde se encaminhava o lixo da cidade, ficando os espaços brancos higienizados centrais reservados para as manifestações religiosas católicas, sem mistura com as manifestações de origem popular com marcas caboclas ou afrodescendentes. Além disso, há até hoje em Belém uma igreja cuja origem está relacionada à segregação à comunidade afro-amazônica desde o período da colônia, a igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, cuja irmandade era a segunda mais antiga do Brasil.

Estudos históricos apontam o ciclo gomífero como sendo o momento em que Belém, juntamente com Manaus, recebeu a influência cultural apenas francesa, a tal ponto que até a expressão que denomina esse período é de origem da língua daquele país, *belle époque*, o que traz em si o ocultamento da influência afro-religiosa das Casas da Mina na capital paraense, migrada do Maranhão para a capital paraense também durante o referido ciclo, e reterritorializada na Amazônia a partir de elementos da região, gerando cultos com elementos advindo do Daomé, em rizoma com o sagrado indígena, o que chamou atenção de Mário de Andrade. Quando de sua ida a Belém, o autor percebeu que os cultos afro-religiosos naquela cidade apresentavam uma diferença em relação ao candomblé, mais conhecido nacionalmente e disseminado a partir da Bahia, o que nos faz lembrar que foram várias civilizações com diferentes deuses

que aqui foram escravizadas e não somente uma que muitos buscam homogeneizar como africana, como se a África não fosse um imenso continente com muitos povos.

Especificamente no romance ora estudado, temos Alfredo, protagonista em nove das dez obras que compõem o ciclo romanesco dalcidiano, que o autor batizou de *Ciclo do Extremo Norte*, conseguindo seu intento almejado nos dois romances precedentes, vir para Belém estudar, ficando na casa dos Alcântara, família decaída após a queda de Antônio Lemos, em 1912, homem forte do governo no período da Borracha. Castilo mostra que a personagem possui um drama, “Alfredo vive o drama da aproximação, de estar nessas zonas de contato, de ser pela metade. Meio pobre, meio rico; meio branco, meio preto” (2004, p. 164). Se a vinda da personagem tinha como expectativa a consolidação do ritual embranquecedor por meio do estudo, o que vai acontecer no decorrer do ciclo, contrariando essa expectativa, é uma aproximação gradual com o universo afro-amazônico.

Segundo Furtado (2002), o romance se divide em dois núcleos familiares. Um primeiro de brancos decaídos, os já referidos Alcântara, e um segundo, de maior interesse para este estudo, pois se constitui de afro-amazônidas, que é o núcleo familiar ligado à d. Amélia, mãe de Alfredo, residente na travessa Rui Barbosa, número 72. A expectativa embranquecedora de Alfredo com a vinda para Belém, como já antecipado, vai ser aos poucos convertida em uma gradativa identificação afrodescendente por intermédio principalmente do lado familiar materno.

Do universo do núcleo afro-amazônico, interessa para este estudo a personagem Mãe Ciana. Tal interesse se dá pelo fato de a

mesma ser a mais velha do referido núcleo, tendo mais experiências de vivência afro-amazônica. Mãe Ciana representa o campo da memória coletiva afro-amazônica. A partir da mesma, a referida memória acaba por fazer uma (re)visão sobre o afro-amazônida na cidade na passagem século XIX para o XX, rasurando o projeto de uma memória e história apenas euro-indígena pretendido pelo Estado.

Um conceito importante para o entendimento do que neste trabalho está sendo chamado de afro-amazônico é o rizoma. O rizoma, enquanto proposição conceitual, interessa a este estudo para que possa haver um distanciamento do conceito de identidade amazônica homogeneizante e de narrativa original retilínea e progressiva, como propõe o modelo de narrativa de origem majoritário na Amazônia. Interessa para este estudo, portanto, o caráter antigenealógico dessa teoria como forma de entender a complexidade dos processos identificatórios do ser amazônico. O rizoma está relacionado à conexão, heterogeneidade e multiplicidade, ou seja, os signos entendidos como significações fechadas são desconstruídos.

Vê-se, portanto, que, na perspectiva do rizoma, qualquer tentativa de se apresentar a possível identidade amazônica como sendo composta por uma origem genealógica arborescente exclusivamente européia e indígena não corresponde à complexidade que a cultura e os processos identificatórios assumem. Assim, os diferentes grupos desterritorializados de diferentes regiões do continente africano se reterritorializaram em diferentes localidades amazônicas, gerando diferentes manifestações culturais.

As Sendas sagradas afro-amazônicas na Belém de Mãe Ciana

Dentre as mulheres do núcleo afro-amazônico da Rui Barbosa, destaca-se Luciana, ou Mãe Ciana, como é conhecida. A mesma representa a experiência dos mais velhos no referido núcleo. O vocábulo “mãe” colocado em seu apelido tem a conotação matriarcal, mas também pode ser uma sutil alusão aos terreiros de babassuês frequentados por Mãe Ciana, em que a direção dos terreiros é feita por “pais” e “mães” de santo.

A propósito do nome “Ciana”, pode-se ler um anagrama da palavra “anciã”. Enquanto anciã, Mãe Ciana é uma mulher com grande experiência de vida e de saber na comunidade afro-amazônica, representando a força dessas mulheres na luta pela sobrevivência. Ela é responsável por repassar a Alfredo as narrativas que transmitem experiência dessas comunidades e mantém viva a memória, como afirma Benjamin (1987, p. 198). Trata-se do mais velho contando aos mais novos as genealogias e as histórias dos membros da comunidade. Viúva de um primeiro marido, perdeu um filho e uma filha. Após o fim mal resolvido do relacionamento com seu Lício, velho afro-amazônida militante anarquista e encadernador, teve de deixar seu casebre em um então bairro de periferia, o Umarizal, passando a morar com o núcleo que não por acaso foi colocado pelo autor na travessa de nome Rui Barbosa. Às vezes mora na casa da filha Galdina, casada e residente na Antônio Barreto, ainda no Umarizal*, sendo este à época conhecido como um bairro de pretos. Dalcídio reconhece a mistura que hoje chamamos rizoma como presente na personagem

* Hoje o Umarizal é área nobre de Belém, não havendo nenhuma alusão ao fato de o mesmo ter sido outrora conhecido como bairro de “pretos”, de onde saíram várias manifestações populares que até hoje marcam a cidade. Participando de eventos sobre a história da ocupação da cidade, ouvi de pesquisadores que essas áreas eram desabitadas, sendo depois ocupadas por palacetes e grandes moradias na belle époque.

Mãe Ciana, percebendo elementos africanos reterritorializados a partir da experiência colonial amazônica, o que confirma aquilo que aqui vem se chamando de afro-amazônico,

Menos preta que cafuza, beijuda e de roupa sempre limpa, fazia cheiro de papelinho para freguesia certa, certas casas da Independência. Rui Barbosa e Reduto. Isso depois que enviuvou, sim, que antes, ainda de luto, teve de amassar açaí na Domingos Marreiros, por algum tempo com a bandeirinha no portão. Trazia no rosto e na voz, no corpo vergado, trabalhos e penas de sua família de escravos. O ramo da Mãe Ciana, de onde vinha o de d. Amélia, de Muaná, não se sabia se diretamente da África, do Maranhão ou, por compra em Belém, espalhara-se em Araquiçaua e Santana, engenhos da boca do Arari, hoje acabados, que pertenceram aos frades, sítios dos brancos (JURANDIR, 2005, p. 185).

A personagem dalcidiana Mãe Ciana recupera uma figura afro-amazônica comum das ruas de Belém na passagem do século XIX para o XX, mas que foi esquecida da história que veio mais tarde a narrar o cotidiano da cidade naquela época, a vendedora de cheiros de papel, figura descrita pelo pesquisador Raimundo Moraes em seu famoso *O meu dicionário de cousas da Amazônia*, de 1931,

Cheiro de papel – Serradura perfumada. Compõe-se de raízes, rizomas, cascas, paus aromáticos, ralados e misturados a trevos, jasmims e rosas. Acondicionado em invólucro delgado de papel, quase como envelopes, é vendido em balaios de talas, por mulatas, em Belém. (MORAES, 2013, p. 59).

No que diz respeito à localização dos terreiros frequentados por

Mãe Ciana, são citados dois, um vizinho do asilo dos Lázarus, e o já referido de d. Luiz de França, no bairro da Cremação. Este era então distante do centro, por isso escolhido para o forno crematório do lixo da cidade pela intendência 1900, o que deu origem ao nome do bairro. Já o Asilo dos Lázarus, na verdade, foi o Leprosário do Tucunduba, fundado em 1815, para onde iam os doentes. De início a maioria era de escravizados abandonados pelos seus senhores. Localizado nas margens do igarapé Tucunduba, já próximo ao rio Guamá, no bairro de mesmo nome (HENRIQUE, 2012, p. 154). Estar em um bairro para onde segue o lixo ou onde estão aqueles de quem a maioria quer distância era uma estratégia para se fugir aos olhos vigilantes da polícia, e dos dispositivos disciplinares dos códigos de postura de lógica disciplinar (FOUCAULT, 1987).

Um dos momentos importantes do romance em que é dada vazão à memória afro-amazônica de Mãe Ciana é durante a trasladação do Círio de Nazaré, procissão que acontece na noite anterior à que se dá no dia seguinte, considerada esta a maior manifestação religiosa da Amazônia, sempre no segundo domingo de outubro. A idosa vai desde o início ao fim da procissão caminhando também pelas suas memórias pessoais, que se confundem com a memória coletiva da comunidade afro-amazônica a que pertence. Já na catedral da Sé, no fim do percurso da trasladação, Mãe Ciana vai mergulhando numa profusão de imagens, em que os diferentes tempos-espacos da memória invadem o tempo e o espaco presente, dentre elas destacam-se as dos

Negros do Mazagão com seus tam-bores, suas vacas de promessa urravam no porto. Os tambores, dentro da Sé, a modo que estrondavam. Mãe Ciana trazia

também seus pretos do Araquiçaua, os afo-gados e desaparecidos tirava do fundo e do invisível, todos eles na Sé, guardando a imagem, falando suas tantas recla-mações, seus ais (JURANDIR, 2004, p. 484).

As imagens da memória de mãe Ciana vão invadindo o espaco oficial religioso de origem europeia, fazendo com que os tambores afrodescendentes imaginalmente ocupem e ecoem na catedral da Sé. O fato de Dalcídio ter inserido na memória de Mãe Ciana durante a trasladação os engenhos marajoaras de Santana e Araquiçaua, e mais a comunidade afrodescendente de Mazagão mostram o conhecimento por parte do autor de regiões para onde foram grandes levas de africanos, seja como escravizados, seja como quilombolas fugidos da escravidão, o que é comprovado por Salles (2005, p. 105).

Durante a trasladação, a caminho da catedral metropolitana, em alguns momentos, Mãe Ciana faz alusão à igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, mostrando uma relação de íntima devoção da comunidade afro-amazônica para com Nossa Senhora do Rosário, por meio de sua igreja. Tal devoção pode ser percebida no momento em que Mãe Ciana, vendo o desrespeito por parte de alguns fiéis à Nossa Senhora de Nazaré em plena procissão, compara o ritual do Círio de Nazaré com o ritual da igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos,

Por semelhantes abusos, preferia fazer as suas melhores devoções com Nossa Senhora do Rosário, a imagem dos pretos, na velha igreja feita pelos escravos. Com esta santa, a pretada inteira se pegava, sem os alvoroços e atropelos de trasladação e Círio (JURANDIR, 2004, p. 472).

Em Dalcídio Jurandir, tem-se a igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos como o espaço religioso para essas irmandades, em uma estratégia de reorganização dos processos identificatórios. Além disso, tais irmandades tinham a função de agir de forma beneficente em prol dos escravizados. Com relação ao culto a Nossa Senhora do Rosário, afirma Quintão,

O culto de Nossa Senhora do Rosário fora criado por São Domingos de Gusmão, mas estava fora de moda, sendo restabelecido justamente na época em que os dominicanos enviaram seus primeiros missionários para a África, o que explica a sua introdução e generalização progressiva no grupo de negros escravizados (QUINTÃO, 2007, p.16).

A existência de igrejas para escravizados desde a colônia mostra que a separação entre brancos e africanos e afrodescendentes na cidade desde o começo foi institucionalizada, seja pela lei, seja pelo cotidiano colonial. A evidência dessa segregação institucionalizada faz perder força a afirmação de Gilberto Freyre (2005) de que, na colônia, não foi o aspecto da raça, e sim o aspecto religioso que unificou diferentes sujeitos. Essa segregação foi registrada em Belém,

A discriminação de raças trazida para o Brasil pelos portugueses levou a administração da colônia a impedir os colonos negros – escravos trazidos da África como mercadoria – de frequentar os templos religiosos então existentes. No fim do século XVII, a Irmandade do Rosário dos Homens Pretos, entidade autorizada a cuidar das vicissitudes dos negros, decidiu solicitar uma área para construir um templo de culto religioso específico para os escravos (SOARES, 2009, p. 24-25).

Veja-se que, apesar de o batismo e a conversão ao cristianismo ser uma exigência àquele tempo, o espaço que é dado para o exercício religioso desse sujeito escravizado não é o mesmo dos seus opressores, pelo contrário, o espaço que lhe é dado é no limite da cidade com a selva. Essa localização se relaciona com a própria imagem do africano escravizado perante o chamado branco, alguém que estaria a meio caminho entre a selvageria e a civilização.

Veja-se uma das matrizes dos babassuês frequentados por Mãe Ciana nas periferias de Belém, a Casa das Minas, que cultuam os voduns. Dentre estes destaca-se, Nochê Sobô. Esta é “também chamada de Iansã pelos nagôs, é considerada a mãe dos voduns dessa família. Representa o raio e o trovão, adora Santa Bárbara e, em todo o Maranhão, é a chefe dos terreiros de Mina” (FERRETI, 2008, p. 02). Assim, em Belém, os terreiros de Bárbara Soeiro, com o tempo, passaram a ser chamados de babassuês. Estes eram também chamados de batuques. Essa reterritorialização africana em elementos amazônicos, que aqui se tem afirmado como afro-amazônico, como já referido, já havia sido também percebido por Mário de Andrade,

Outra zona em que inesperadamente o africano colabora muito na feitiçaria brasileira, é na Amazônia, onde o culto dominante é chamado de pagelança. Tanto nesta palavra, como no chamarem de pagé ao pai de santo é visível a influência ameríndia (ANDRADE, 1963, p. 28).

Mário de Andrade, diante de uma manifestação religiosa de influência africana em Belém diferente das que se consagraram nacionalmente a partir de cultos da Bahia, surpreendeu-se com a falta

de interesse da maioria da intelectualidade local sobre o que para ele era um grande achado. Dentre os poucos intelectuais interessados no tema está justamente Dalcídio Jurandir. Mas o problema não era apenas a falta de interesse de muitos pesquisadores, pois tanto pais quanto mães de santo eram alvos de perseguições por parte do aparelho de Estado e seus dispositivos de controle na Belém da passagem do século XIX para o XX, e nas primeiras décadas deste.

Um elemento que chama a atenção na citação de Mário de Andrade é que o pai de santo também pode ser identificado como pajé, mostrando a aproximação com elemento de origem indígena do sagrado afro-amazônico. Além de frequentar os babassuês, Mãe Ciana também tem relação com os referidos pagés, como Maria Brasilina, da região do Baixo Amazonas. Esta, além de manipular “cascas e raízes para remédios”, mostra bem o processo rizomático presente na inserção dessas civilizações africanas na Amazônia.

Quando se ouve a palavra pagé, pensa-se de imediato em um universo indígena, mas algumas observações com relação ao ritual de Maria Brasilina fazem com que essa leitura seja transformada. Essa outrora famosa pagé, assim como Mãe Ciana, era chamada de “mãe”, o que nos faz lembrar a também já referida expressão “mãe de santo”, mas outro elemento no ritual da pagé que remete à afro-religiosidade nos seus rituais é o fato de a pagé receber um mestre que se denomina Pai João. Segundo o referido pesquisador, “Pai João, pela fala, pelas atitudes e andar, parecia africano. Começava sempre a ‘sessão’ ou os ‘trabalhos’ por uma oração em uma linguagem absolutamente desconhecida, ou intraduzível” (CARVALHO, 1930, p. 34).

Assim como pais e mães de santo, os pagés eram mal vistos

e perseguidos, significando o atraso de uma cidade que queria rapidamente se modernizar de maneira afrancesada. Essa perseguição também foi percebida por José Carvalho, “Condenado pelo padre romano e pela polícia civil o Pagé tem sido, até hoje, não só perseguido, como ridicularizado. A intolerância religiosa, se pudesse, já os teria queimado, todos. A medicina civilizada afinaria pelo mesmo tom. (CARVALHO, 1930, p. 30)”. Veja-se que o autor elenca a polícia, a igreja e a medicina, instituições que se pretendem incorporadas à modernidade.

Portanto, como a palavra “pajé” passou a possuir um cunho negativo, a palavra curador, como seu sinônimo, passou a ser utilizada. A nota 187 do estudo de Figueiredo mostra o processo de criminalização da figura do pagé,

Código de posturas da câmara municipal de Belém. In: Colleção de leis da província do Gram-Pará. Anno de 1880, tomo XLII, 1. Parte. Capítulo IX: “Medicina”. Art. 54: Todo aquele que se intitular pajé, curandeiro, ou que a pretexto de tirar feitiços se introduzir em qualquer casa ou receber na sua quem para simular (sic), curas por meios supersticiosos e bebidas desconhecidas, ou para fazer adivinhação, ou outros embustes incorrerá na multa de vinte mil réis, assim como o dono da casa em qualquer dos casos” (citado em FIGUEIREDO, 1996, p. 199).

Mas mesmo em meio a todo esse processo disciplinar, os afro-amazônidas encontraram sendas, linhas de fuga, para se afirmarem identitariamente, com destaque para as manifestações no campo do sagrado, sendo possível perceber na obra de Dalcídio Jurandir os rastros dessa afirmação afro-amazônica.

REFERÊNCIAS:

ANDRADE, Mário de. Música de feitiçaria no Brasil. São Paulo: Martins, 1963.

BENJAMIN, Walter. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. 3. ed. Trad. S.P. Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1987.

CARVALHO, José. O matuto cearense e o caboclo do Pará. Belém: Oficinas Gráficas Belém, 1930.

CASTILO, Luis Heleno Montoril Del. Lanterna dos Afogados: literatura, história e cidade em meio à selva. 2004. Tese (Doutorado em Estudos Literários) - Universidade Federal de Minas Gerais.

DELEUZE, Gilles. Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia 2, vol. 1. 2. ed. Trad. Aurélio Guerra Neto e Ana Lúcia de Oliveira, Célia Pinto Costa. São Paulo: Editora 34, 2011.

FERRETTI, Sergio F. Estórias da casa grande das minas jeje. n.16, 2018 Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade Federal do Maranhão.

FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. A cidade dos encantados: pajelanças, feitiçarias e religiões afro-brasileiras na Amazônia ; a constituição de um campo de estudo 1870-1950. 1996. 428f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP.

FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir: nascimento da prisão. Trad. Lúcia M. Pondé Vassalo. Petrópolis: Vozes, 1987.

FREYRE, Gilberto. CASA-GRANDE & senzala: formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal. 20 ed. Rio de Janeiro: José Olímpio, 2005.

FURTADO, Marli Tereza. Universo derruído e corrosão do herói em Dalcídio Jurandir. Campinas, SP: [s.n.], 2002.

HALBWACHS, Maurice. A Memória Coletiva. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2003.

HENRIQUE, Márcio Couto. Escravos no purgatório: o leprosário do Tucunduba (Pará, século XIX). História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.19, supl., dez. 2012, p.153-177.

JURANDIR, Dalcídio. Belém do Grão Pará. Belém: EDUFPA; Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 2004.

MORAES, Raimundo. O meu dicionário de cousas da Amazônia. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2013.

PINTO, Benedita Celeste de Moraes. História, memória e poder feminino em povoados amazônicos. In: XI Encontro Nacional de História Oral: Memória, Democracia e Justiça, 2012, Rio de Janeiro - Brasil. Anais eletrônicos do XI Encontro Nacional de História Oral: Memória, Democracia e Justiça. Rio de Janeiro: Associação Brasileira de História Oral, 2012. v. 1. p. 1-10.

QUINTÃO, Antônia Aparecida. Professora, existem santos negros? histórias de identidade religiosa negra. São Paulo: USP, v. 8, 2007.

SALLES, Vicente. O negro na formação da sociedade paraense. Belém: Paka-Tatu, 2004.

SALLES, Vicente. O negro no Pará sob o regime da escravidão. 3 ed. Belém: IAP; Programa Raízes, 2005.

SARGES, Maria de Nazaré. Belém: riquezas produzindo a Belle Époque. 3. ed. Belém: Paka-Tatu, 2010.

SOARES, Elizabeth Nelo. Largos, coretos e praças de Belém – PA. Brasília, DF: Iphan / Programa Monumenta, 2009.

ZIEGLER, Jean. Os vivos e a morte. Rio de Janeiro: ZAHAR, 1997.



www.revistablecaute.com *Novo!*
www.facebook.com/revistaBlecaute
revistablecaute@gmail.com
[@revistablecaute](https://www.instagram.com/revistablecaute)

Clei Souza (PA), é escritor e professor doutor em literatura na Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA), em Marabá-PA. Já teve como premiações: 2010, menção honrosa no prêmio Dalcídio Jurandir de Literatura na categoria poesia, tendo como resultado a publicação do livro Úmido; 2010 e 2012, prêmio Inglês de Souza de Literatura, da UFPA, na categoria poesia; 2012, concurso de Literatura de Castanhal na categoria poesia; 2015, prêmio Dalcídio Jurandir de Literatura na categoria poesia, tendo como resultado a publicação do livro Poema Pássaro e outro versos migratórios. Em 2019 foi selecionado na V mostra nacional de projeções da Fotoativa, com o videopoema O devir é devaneio líquido, teve o videopoema À Ilha selecionado na categoria vídeo experimental do V Festival de Audiovisual Tóro, e foi selecionado no salão primeiros passos com a série De-composição, na galeria do CCBEU. É professor doutor. Seus materiais estão hospedados blog <https://cleisouza.wordpress.com>.

RESENHA

“A Era de Ouro do Pornô”: sexo e história

Por Jana Lauxen

A Era de Ouro do Pornô é o segundo livro do escritor gaúcho Zeka Sixx, e seu primeiro romance. No entanto, não se deixe enganar pelo título, caro leitor: existem mais coisas entre uma linha e outra desta obra do que nossa vã filosofia pode imaginar.

O primeiro erro é concluir que, por conta do nome do livro, e da moça seminua na capa, o romance é meramente pornográfico. Sexo sem história, e só. Porque navegamos pelas 157 páginas da obra *A Era de Ouro do Pornô* através de um enredo irresistível e imprevisível, que por vezes é manso e calmo, e na linha seguinte se torna, abruptamente, insurgente e agressivo.

O livro conta a história de Max Califórnia, um pretense escritor que sofre com um bloqueio criativo que já dura três anos. Morando em Porto Alegre – cidade que o devora e o vomita, constantemente – Max divide seu tempo entre bicos como tradutor, sexo, bebidas, e devaneios acerca de sua própria vida e de suas ambições artísticas.

Interessante observar, no entanto, que a cidade de Porto Alegre emerge na história de *A Era de Ouro do Pornô* dividindo-se entre o papel de protagonista e antagonista, a ponto de tornar Max Califórnia um personagem secundário, que a cidade manipula e envolve. A capital gaúcha desempenha uma função importante em toda a narrativa de Zeka Sixx, interferindo e se manifestando em cada entrelinha da obra.

Mérito também para a captura de tempo/espaço que o autor alcançou em seu primeiro romance. *A Era de Ouro do Pornô* apreende um período bem curto e definido, e se passa basicamente em um ano bastante emblemático de nossa história recente: 2012. Um ano em que nós, brasileiros, ainda vivíamos o sonho americano versão tupiniquim, e acreditávamos em um Brasil para o futuro. Uma época que antecedeu os protestos de junho de 2013, a guerra entre “coxinhas” e “petralhas”, a explosão do feminismo moderno, e todas as brigas e os debates gerados por estes eventos. Um último instante de ingenuidade, alienação e otimismo. O fim de uma era, afinal.

Por isso, as peripécias de Max refletem, de certo modo, a transição e a transformação caótica que o nosso país enfrenta, e que nós, enquanto brasileiros, enfrentamos também.

E é aí que acontece o milagre da boa literatura: a identificação entre leitor e obra. Aquele momento em que você se reconhece no livro, no enredo, no personagem, e passa então a ter uma visão mais ampla e completamente inesperada da história. Isso aconteceu comigo enquanto lia *A Era de Ouro do Pornô*.

Por isso, repito: não cometa o erro de acreditar que o segundo livro de Zeka Sixx é apenas sexo, sem história. Não reduza a obra toda à palavra “pornô”. Até por que, a própria pornografia ali representada é diferente da pornografia que, habitualmente, conhecemos, já que resgata uma época em que filmes eróticos passavam no cinema, e casais iam juntos assistir e comer pipoca – algo entre os anos 70 e início dos anos 80.

A Era de Ouro do Pornô fala de mudanças, de aspirações extravagantes, de ilusões quebradas e ruas sujas. Zeka Sixx, aliás, possui uma habilidade preciosa em chafurdar nosso lixo, separá-lo,

reciclá-lo, e transformá-lo em literatura.

Tanto, que conseguiu captar com precisão o retrato de uma era, e de uma geração que ainda não descobriu seu lugar no meio de tanta transformação.



www.revistablecaute.com *Novo!*
www.facebook.com/revistaBlecaute
revistablecaute@gmail.com
[@revistablecaute](https://www.instagram.com/revistablecaute)

Jana Lauxen (RS), é editora, produtora cultural e escritora, autora dos livros Uma Carta por Benjamin (2009), O Túmulo do Ladrão (2013) e O Duplo da Terra (2016). É responsável pelo Projeto Nascedouro da Editora Os Dez Melhores, e já organizou e editou quatro livros através desta iniciativa, publicando textos e desenhos de mais de 120 estudantes gaúchos. Contatos: osdezmelhores@gmail.com / www.janalauxen.blogspot.com

POEMAS

de Antonio Moura

A urina perde-se no mar, esquecida

O mar e o céu, o mar e o seu
eterno rancor contra a carne
sem escudos

- crivada de setas -

A cada vento movendo a data
moendo as noites, as sete chagas
do calendário seteno

de mais uma semana a ir
manar-se à morte
ante o
mar:

o sempre insone

que agora invocas
para ter como resposta
o monstruoso rosnado
(multilhões de aqua-

leões verdejubados)

e aí calar

(ondas ao peito) só
suspeitando se

algo ou al
guém – quem?

O forja

Dez, 1996

Musa

È no par de mãos
que sob escombros
trabalham o desprezo
que lhes o tempo
È na boca, onde pássaros
desovam em silêncio
È nos olhos – queimando
È no corpo, estendido á intempérie
de desertos cobertos de sóis sujos

É
na carne – poesia – que tua angra
de granito
se inunda – Um navio com suas luzes
afundando em água noturna

Hong Kong & outros poemas, 1999

Tramas

O tempo e o espaço tecem
tramas simultâneas em horas

e lugares que totalmente des
conheces – e o ser, ignorante,

enquanto em sua própria trama
também se enreda, sem suspeitar

do que lhe espera, ao encontro de
uma delas vai, comédia ou tragédia,

conforme a teia que o fio do seu
tear, em torno da graça ou da dês

graça, entreteceu – lágrima
de Pierrô no leito de pedra

ou riso de Arlequim vibrando no ar,
depende do papel que escolheu

durante este drama representar

Rio Silêncio, 2004

La maison de Victor Hugo

Olhos abertos *sur la Place des Vogès*
as janelas desta casa deixam entrever

um vai-
e-vem
de sonhos
idos

rostos desaparecidos na multidão dos dias
que por aqui passaram em luta e riso

A casa-quasímodo, a casa quase
corCunda ao peso dos veludos e dos anos

Sob o papel ornamentado as paredes têm ouvidos,
para escutar *les voix intérieures*

e dos miseráveis
os gritos

A sombra da ausência, 2009

Poema para ler ao andar com cuidado

Você que agora caminha por este poema,
não está ouvindo, além do som das sílabas,

o som de sinistros passos ecoando secos
em seu calçado, como que para encarcerá-lo,

como que para amordaçá-lo? Não está agora
presentindo atrás de sua própria sombra

uma outra sombra, que, aos poucos, se agiganta
querendo, de forma réptil, cobrir tudo, todos,

com sua escura manta? Não está sentindo,
agora, fazer ninho em seus ouvidos a gralha

a rasga-mortalha da histérica pregação,
que busca ensurdecê-lo com seu grasnado

para que ouça, unicamente, a voz intolerante,
a voz fanática e prepotente do deus demente?

Não está vendo uma venda que, lentamente,
cai sombria sobre seus olhos, sobre sua mente?

Você que agora caminha por este poema,
cuidado, aqui perto, no fim da Rua Extrema

a oficina do fascismo fabrica frias algemas.

Julho, 2015



www.revistablecaute.com *Novo!*
www.facebook.com/revistaBlecaute
revistablecaute@gmail.com
[@revistablecaute](https://www.instagram.com/revistablecaute)

POEMAS

O amor que se colheu

De Jorge Lúcio de Campos

Teu rosto:
um quarto de lua
no espaldar da cama.
Teu tempo hesitante,
e meigo como um
braço esquerdo
enamorado.

Estás no fundo ocre
de tua ideia vaga de
tuas pernas bambas.

Não há mais ruídos.
As bocas pararam de roncar.
Os lábios ruíram.
Apenas o sol tenta
dormir com os olhos
de um velho corpo.

Enquanto isso, aviões
narram a história
do mundo.

Tarde adentro

Procurei-te tarde adentro
e não encontrei. Tuas meias
saíram para passear e teus
caracóis se esconderam
tão logo me viram.

Não havia som nas
escadas e o porão
descansava os olhos
com um ar divertido e
brincalhão.

Também não estavas
no cachimbo sobre a mesa.
No forninho só havia
nuvenzinhas brancas.

Eu, manequim

Meus restos estão no canto:
meus cabelos pujantes, amendoados,
minhas galochas dançando
nuas, assoalho adentro.

Meus restos estão no canto,
como nunca estiveram.

Meus órgãos genitais são
devaneios gráficos.

Meus restos estão no canto.
Meu falo fumegante, fetichista
empurrei-o em algum ânus
na esperança de contê-lo.

Meus restos estão no canto.
Uma trela cheia de pelos
esculpe minha carne
e a enche de medo.

Meus restos estão no canto,
como um ovo cozido,
uma coruja vesga
deflorada em luz.

Meus restos estão no canto:

meus amores trepados,
a beleza pura de um urinol
que espia a cena.

Meus restos estão no canto
e eu não sei o que fazer.
Não antes disso.
Não antes do poema.

O quadro da noite

Vi a noite empoleirada
num galho e tudo estava
em paz.

O pântano sorria
ao redor dela.
As estrelas a erguiam
nos braços.

Seus dedos de verniz
escorriam pela
casca do tronco
de uma árvore

e batizavam a terra.

Algum mistério

Temos opiniões diversas quanto a tudo,
páginas fechadas em nossas cabeças.

Quimeras e opalas são palavras gastas.
Algo que escapa e espalha mentiras.
Tiramos dos dentes monstros de luz.
Calamos o auge do belo que cura.

Como explicar a fuga dos cavalos?
O rei louco geométrico, o voo dos colibris
em nossos cabelos? O vapor de nossas mãos?

O melhor a fazer é calarmos,
escoarmos tristes rumo às terras baixas
que fazem de nós
o que não somos.

Jorge Lucio de Campos (RJ). É poeta, ensaísta e professor associado da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (ESDI/UERJ). Publicou, entre outras, as coletâneas *A dor da linguagem*, *A maneira negra* e *Prática do azul*. E-mails: jluciocampos@globocom.com e jorgeluciocampos@gmail.com

POEMAS

de Lepota L. Cosmo

Martin pescador

besouros, diamantes, flores,
Mágico o olha para o céu azul
espelhos no amor e peles
o que é amor, o amor
quatro mulheres e peixes
e três cães e um leão.
entre jóias e jade verde.

Cócegas

um par de cores suaves de borboletas
brincando entre as pétalas amarelas

Igual

entre âmbar
e olhos azuis
sete guerreiros
do cardo
e o calor do sol
como três colibris
em suas abas

Mundo

no cidade da giraffe e lua
você vai encontrá forma de guitarra e peixe
deixar os gatos na costa
ornamento de cravos verdes

Suave

Talvez a garota era uma flor
ou flor era a garota, e na vida presente
é apenas um espelho do velho-de-rosa,
rosa em si.

Deus de areia

a pescador sueco Gilmar

Justiça é só antes redes
Milagrosa pelicano, Gilmar.
O futebol é um enigma
E luar extravagância.
O Rei está nas estrelas.
São Paulo é a borboleta.
E você é o primeiro sol
Ouro, imediato.

O senhor

Seja despreocupado e misterioso.

O seu céu não tem mar

Com o coração em vez do sol.

Voce não sabe voar

Mas você é um poeta-beija-flor

O cormorao com gravata

E quatro lados do mundo

(Entre as meninas e

Diamantes)

Quarteto do abútua

Pescoço feito de lápiz-lazúli entre gipsita

Com o tamborim tiraste a fronteira de magnolias alegres

Tocaste a menina branca da pele quente

E os teus sorrisos repreendidos por grito ardente

Estrela bichada de aporias afortunadas

Dança sobre o teu joelho como uma bruma

Dança do mundo entre água e leite

E girafas no sol com pele viva

Canção brasileira

Flauta rasga o rouxinol pela metade

No ar de centelhas de prata

Seda cortada por lábio de neve

Sob formosura de tuas fases

Flauta irrisória da peixe verde

Flauta mexendo no peito

Com tuas gotas frias

Seguindo sons de ouro da realidade

Dedos jogando entre as orelhas

Em suas veias turquesas

Espelhos de pele do mar

Trompeta da rima banhada

Luz em tuas coixas

Corre como água sem fim

“Manifestos”

Anamodernismo

Houve um novo presente, um presente moderno, no fundo, com o absurdo e não absurdo, um presente que não impõe a filosofia futuro, mas liberta, liberta a teoria mais recente de todas as teorias futuras, que retorna modernidade no tempolidad, ea arte parece atemporal. A arte nunca será transitória.

I

Apolo o desafiador, o manifesto

A arte é encantadora.

Os rouxinóis estão expostos em museus.

O canto canção em gaiolas.

As gaiolas são mais atraentes do que a música.

O que aconteceu antes o poema e do poeta

;Criação ou criador. Deus.

Bardos cantam em planetários.

As pessoas são felizes louco.

Em vez de sol é o céu eo céu é contemporânea.

Peixe rindo no clavicórdio.

Metáforas bizantinos.

Geometria se estende para o mar de areia.

Sol vermelho olho branco jardim rodada.

A florista e o coletor de lixo

Jesus plástico e rouxinol absurdo.

Agora e sempre, rebelião, rebelião coloquial,

revolução de geração desafiadores,

agradável rebelião!

O absurdo é baço do século XXI.

Cabaletta de infraismo.

Nós levantamos revolução de não absurdo.

Este ônibus brilhante de soluções diferentes.

Tobago, Samarkand, Cordoba, Tóquio,

Marrakech, Delhi, Paris. A arte é extraterrestre!

II

Manifesto de Metamoderna, Alceu

Zebra amrela começou em Kuala Lumpur

Em Piauí foram natação pinguins,

nas ruas de Paris cavalos, touros furadas com fragrância,

rãs filosóficas andando boulevards.

Poetas sozinho em teatro violeta. Peixes do filme,

museu do mundo, em movimento.

Os animais e suavemente metais!

Lá fora, gaiolas de chocolate e

lotes de poetas fascinantes!

Ninguém sabe os poemas, mas para pregar o amor!

Ficarão de fora os proponentes, estorninhos nos ramos!

artistas -camaleões de circo, Rapsodes de Iberia!

Caesares do areia. A poesia é um dirigível sincrética.

A poesia é o amor. Nos braços de cámbaro. Amor metafísico.

Você não pode afundar. Tudo está no mar, escaravelhos azuis.

Metamoderna. Rouxinóis cantam sobre leão plástico.

Pratas tartarugas do Banguecoque, crocodilos do Recife,

Bonsai formiga, cangurus do Brasília, aventura do comediante,

cada um no mercado global.

Lepota L. Cosmo (SER). Poeta, escritor, tradutor, nasceu em 18 Agosto 1977 (Belgrade). Seus poemas foram traduzidos para o francês, espanhol, italiano e grego. Participou em revistas como Letras de Parnaso, Azahar (Cadiz), Zunái (SP), Ama-Hashi (Japan), Rowayat (London, Kairo), Gramma (Buenos Aires), Guantini. Poeta é membro da JUNPA e Associação International Poetas de Mundo (Brasil).

POEMAS

de Philippe Wollney

segunda chã

*“mas ando mesmo descontente, desesperadamente eu grito em português”
Belchior*

depois do luxo o lixo : que se torna léxico que antes é fluxo : agora é nexo entre o texto & o projétil : broxa no papel como revólver queimando o disparo : & de novo quebrando coco : & de novo um poema reescrito com a carniceria da cidade velha cocoricando com a chegada da nova fábrica : já ferro velho : um prometeu aleijado de fibra de carbono : promessas de um mundo novo com os latifundiários da opressão : sobre a terra o teto o trabalho o homem & o pão : & os poetas escorregam sobre o óleo : regam flores sobre o gasoduto : plantam bredos nas margens de toda a BR 101 & buscam uma ética para atravessar o inferno

caosnavial i :

mascavo

*“Ritmos de angústia e de protesto / estão ferindo os meus ouvidos!” Solano
Trindade*

cana

caiana

caiada

de *sangue*

nestes canaviais

seis milhões de negros

foram sorvidos

é impossível

esse café

não descer hh

amargo

caosnavial ii :
habitantes do porto

“Essa dor que eu falo / não fala / foi calada a fio de espada” Cuti

sob essas águas há segredos terríveis
os que sabiam nadar afundam
chassis : bicicletas : revólveres : sofás
crianças : drogados : polícias : prostitutas
afundam

intocável leito morto
fragmentos de porcelana no peito de belzebu subaquático
satã usa gravata : maquinarias o canonizam como santo do açúcar

espanhóis : portugueses : holandeses : franceses : ingleses
bantos : congos : nagôs : cabindas : yorubás
tapuias : tabajara : kaeté : potiguara : tupinambá
esses são os atores de minha epopeia dos martírios

sonhos & suspiros de sangue e chantili
minha lira infecunda porém açucarada
não duvidem de meu açúcar
não duvidem do meu açúcar
quanto mais cavo mais fundo me acho

em meio a lama : canas : senzalas : engenhos fantasmas
igrejas : bares : bingos : supermercados : agências de trabalho
me empresta uma arma : uma buceta ou um baseado
para aliviar a minha dor!
para que eu possa sanar a minha dívida!
para eu aliviar a minha dor!

caosnavial iii :
nove dígitos

“o neoextrativismo trata-se de uma aposta nos hidrocarbonetos, na mineração e no alargamento dos latifúndios” Ieda Estergilda de Abreu

sou um canavial inteiro de tragédias
quantos algarismos possuem a cota de homicidas
& suicidas em potencial?
minha neurose : uma forte pulsão do não-lembrar!

quem pode resistir a este saara de sacarose?

tuaregues caboclos buscam o oásis nos bares
miragens de alvas famílias felizes aos domingos
nômades catadores de lixo eletrônico um misto
de cadáveres & caldeiras
& painéis de controle

traços do tronco tupi : paralíticos ancestrais
faquires pós-modernos invadem as ruas apanham da polícia
& em protesto praticam seppuku em frente a uma delegacia
velhos põem fogo nos próprios corpos na dignidade
dos que sobrevivem sem alopáticos
guilhotinas funcionam todos os domingos em altares foliados a ouro
&

contas bancárias de nove dígitos brindam
por mais uma família que se joga em alta maré
pelo barro manchado da chacina de ontem
pela morte lenta de mendigos
pelo estupro na casa de repouso feminino
pelo poeta que arrancou os olhos
& pelo novo empréstimo ao banco falido

há uma criança sem os olhos parada na esquina

“não diga que estamos morrendo / hoje não / pois tenho essa chaga comendo a razão” (Rodrigo Campos)

há uma criança sem os olhos parada na esquina
e o abismo na sua face é indiferente
aos incêndios nas pontas dos cigarros
as nuvens sífilíticas e as febres nos lixões
a ardência de um corpo tenso pelo beijo
de um anjo que logo se esvai
a hemorragia das usinas em fuligens e fornicamentos
as explosões domesticadas nos motores automotivos

há uma criança sem os olhos parada na esquina
e os rombos de seu não-olhar são apáticos
ao hálito de etanol da grande boca que devora uma boca maior
a nauseabunda atmosfera da safra
a falta de sentido do viver sobre o asfalto
o cheiro dos solventes a solucionar as dores no estômago
os dedos trêmulos a inaugurar o gatilho
a notícia do esquarterado
e a sopa sem ossos a ser distribuída na madrugada

há uma criança sem os olhos parada na esquina
e suas duas poças de lama observam
o uniforme cinza do fardamento policial

o excesso de sorrisos nas propagandas imobiliárias
a marola de fritura dos pregadores
a benção que agride na hora do almoço
o latido da fome no quintal do vizinho
e a injustiça nas fardas alvas das crianças

há uma criança sem os olhos parada na esquina
e suas nuvens negras mergulhadas nos pântanos
trazem das suas lembranças, cadáveres e rosários
de cada irmão descartado como se cata feijão
o seu pirão de peles e nomes encharcados
a sua alergia em cada acordar
suas brotoejas que borbulham e semeiam
seu nome no ar da cidade

há uma criança sem os olhos parada na esquina
o seu choro de querosene ascende labirintos
escorre no corpo inteiro a intenção de ontem
foge todas as noites - mas a miséria é o pai dos cães-do-mato
e não se sabe por qual motivo se brota luz
dos mais terríveis calabouços
nos mais horríveis dentes caninos
as mais cruéis condições de sorrir

há uma criança sem os olhos parada na esquina
e ela me revelou o seu segredo –
na sujeira de seus dedos nascem as estrelas.

juro que é o último sopro sobre os nós

*“As paredes do meu tempo são fatais”
(Júlio Holanda)*

juro que é o último sopro sobre os nós,
porque um dia as coisas acabam
e por sorte, recomeçamos

juro que é o último sopro sobre os nós,
porque a cada dois dias, homens morrem
no deserto de Catar, pela copa de 2022

juro que é o último sopro sobre os nós,
porque há um grupo chamado Boko Haram
que já assassinou mais de 2 mil pessoas na Nigéria

juro que é o último sopro sobre os nós,
porque depois de tentar assassinar Malala Yousafzai
o TTP massacrou 100 crianças em Peshawar

juro que é o último sopro sobre os nós,
porque quero escrever sobre o mundo
antes que venha o ebola e me sucumba

juro que é o último sopro sobre os nós,
porque há veneno sobre a mesa
e declarei guerra contra o agronegócio

juro que é o último sopro sobre os nós,
porque uma mulher morre por semana
vítima de violência doméstica neste país

juro que é o último sopro sobre os nós,
porque na construção da hidrelétrica de Belo Monte,
há exploração sexual de menores indígenas

juro que é o último sopro sobre os nós,
porque ainda neste país possuímos
200 mil camponeses sem ter terra para cultivar

juro que é o último sopro sobre os nós,
porque sabemos que a Polícia Militar matou
o pedreiro Amarildo – e seu corpo ainda não apareceu

juro que é o último sopro sobre os nós,
porque lá fora tem um monte de gente
pedindo a volta dos milicos ao poder

juro que é o último sopro sobre os nós,
porque lá fora tem um monte de gente, com cartazes
pedindo a volta dos milicos – você entende?

juro que é o último sopro sobre os nós,
porque desde junho de 2013 há jovens encarcerados
por receber gás lacrimogênio na cara

juro que é o último sopro sobre os nós,
porque desde 2013 se voltou a prática
de se fazer presos políticos

juro que é o último sopro sobre os nós,
porque os preços das passagens subiram
e pedras devem elevar-se sobre as cabeças

juro que é o último sopro sobre os nós,
porque novamente tentaram violar um templo
de matriz africana – o mito da democracia dócil

juro que é o último sopro sobre os nós,
porque ainda ontem morreu mais um jovem
assassinado com requintes de sadismo, por ser gay

juro que é o último sopro sobre os nós,
porque a “carne mais barata no mercado
é a carne negra” – como grita a minha diva

juro que é o último sopro sobre os nós,
porque o meu coração é o mundo
porque o meu coração é um mundo.

Philippe Wollney (PE). É um poeta contemporâneo brasileiro, nascido na cidade de Goiana, Pernambuco, em 1987. Tem poemas publicados em antologias como Antologia Poética Goiana Revisitada (Silêncio Interrompido, 2012) e Cem Poetas Sem Livros (2009), assim como na revista Musa Rara.



www.revistablecaute.com *Novo!*
www.facebook.com/revistaBlecaute
revistablecaute@gmail.com
[@revistablecaute](https://www.instagram.com/revistablecaute)

POEMAS

*de Renata Flávia***Sarau**

I

Bombardeio

Bocas imensas tentando adivinhar o verso

O motivo

Ou a fissura por um jeito certo

Disfarço

Dou voltas na multidão

Desconverso

Queria falar sobre você agora

Como teu olho afunda

Como tuas palavras machucam

Atrás

Tem muita coisa por trás

Vamos pular essa parte

Armas

Bem na ponta da língua

Afiada

Não consigo caminhar assim

Afasta

Preciso fazer voltas pelo lugar,

acalma

É doentio ser eu

Acho que você é um vírus

Você e as palavras

Não tenta ser maior do que pode

Desgasta

Mais uma roda

Cheios de insígnias no peito

Baixo os olhos

Procuro algo

distingo

Não tenho essas medalhas

Passa

Então é assim

que acaba

mais um sobe no palco

palmas

a cabeça já cansada

álcool

fala

mas muita coisa permaneceu

calada

todos pra casa

II

enfim último gole
ataca
a garganta outra vez
estrada
meu pés tremendo
um amor
passa

meus poemas chegam
em casa
é a vez de remoer
sua fala
todas as conversas
furadas
começam a cortar o travesseiro
permaneço
acordada

III

Um sonho antigo, o presente
Atrasa
Remake daquelas
Palavras
Dou mais voltas
Emboscada
Eu sei

Já te disse que preciso andar
Me acalma
Curva por cima de mim
Eu tento acordar
E nada
Mais um pesadelo, o caos
instala
talvez o amor sacuda meus braços
e me garanta
guarda

IV

Não entender é direito
Não permanente
Me olha
Tenta ver
O verso esconde
Sua nascente
Porque não precisa dela
Pra ser

Amarrada
Cada palavra
vira outra
casa
Uma poesia
acabada

não reconhece
pátria

por isso me contorço
escapo de suas
emboscadas
ando pelos cantos
que palco
pra mim
sempre foi estrada

Renata Flávia (PI), poeta. Autora dos livros Mar Grave e Lustre de Carne. Tem ainda poemas publicados em zines, jornais, revistas, blogs e sites. Blog: <http://lustredecarne.zip.net>



www.revistablecaute.com *Novo!*
www.facebook.com/revistaBlecaute
revistablecaute@gmail.com
[@revistablecaute](https://www.instagram.com/revistablecaute)

ENSAIO VISUAL

Por Clara Nogueira

Sobre a intervenção “Linha de Ônibus”:

Do deslocamento semanal entre Olinda e João Pessoa nasceu uma divagação. Encarregada de fazer as costuras da vida para estudar em outro estado/cidade, imersa na condição de ser transeunte entre dois pontos que se conectam através das linhas de ônibus, comecei a alocar meu pensamento e a deslocar meu corpo sob essas linhas reais/imaginárias.

Na intervenção “Linha de ônibus”, 2017-18, utilizei o bordado nas cortinas de ônibus, tendo na linha um objeto de conexão entre o real e o imaginário.

Link direto do vídeo:

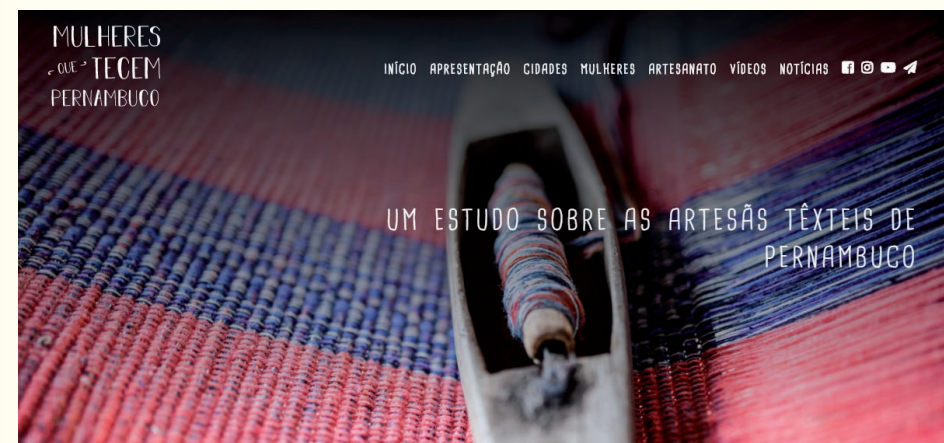
<https://www.youtube.com/watch?v=nOHSnf8YMmE>

CLARA NOGUEIRA (PE)

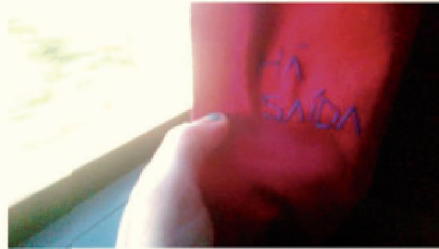
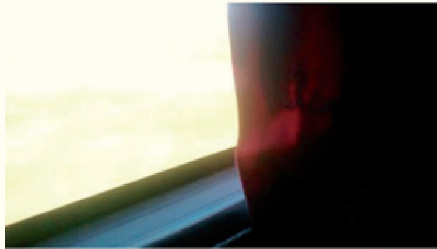
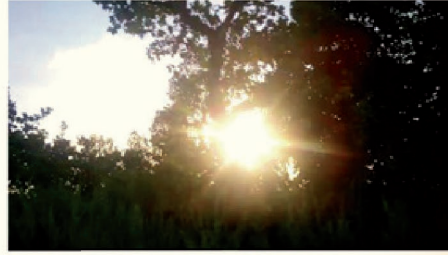
Idealizadora, Coordenadora, Pesquisadora da pesquisa Cultural “Mulheres que Tecem Pernambuco”, Clara é mãe de José e Pilar. Arquiteta e urbanista; bordadeira; tecelã e crocheteira nos desvios; mestra em Artes Visuais pelo PPGAV – UFPE/UFPB. Desenvolve estudos e pesquisas que tratam de questões de gênero x têxtil, intervenções urbanas e instalações efêmeras. Tem o projeto artístico pessoal “Linhas de Fuga”, plataforma de divulgação de seus trabalhos têxteis. Em seu mestrado estudou os trabalhos da artista contemporânea Cristina Carvalho por seu envolvimento prático-simbólico-subjetivo com os fios, tramas. Participou de exposições coletivas (Mulheres que Frequentam, em 2019) (Delas, em 2017 e 2016), e em dupla com a artista visual Clarissa Machado (Incomum, em 2016). Facilitadora de oficinas de bordado e tecelagem desde 2014.

site www.mulheresquetecempe.com.br

páginas @linhasdefuga @mulheresquetecempe @tintadefuga



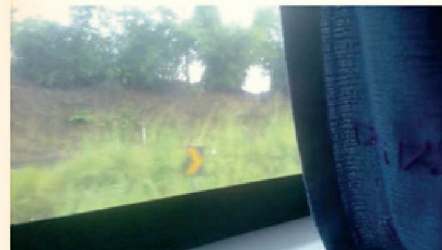
linha de ônibus



HÁ SAÍDA



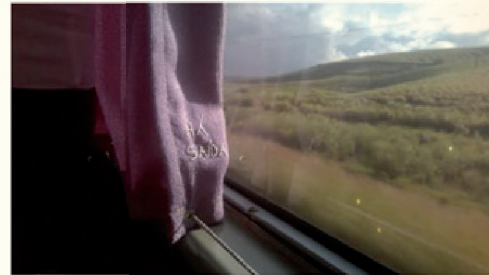
DEVIR



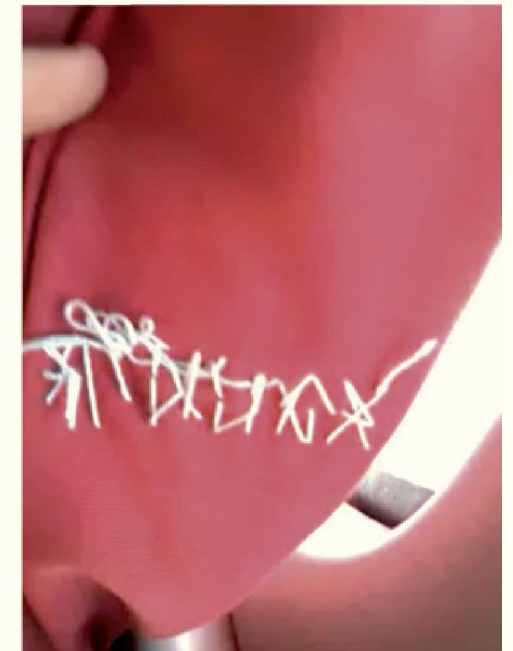
DESVIA



OUTRO LUGAR



HÁ SAÍDA



INTERVENÇÃO Linha de Ônibus

DIVAGAÇÃO CONDIÇÃO SER TRANSEUNTE
ENTRE DOIS PONTOS QUE SE CONECTAM
ATRAVÉS DAS LINHAS DE ÔNIBUS.

BORDANDO RELAÇÕES ENTRE DENTROxFORA
PÚBLICOxPRIVADO REALxIMAGINÁRIO

CLARA NOGUEIRA / LINHAS DE FUGA



ARTISTA DA CAPA

**Conceição Myllena**

Artista visual paraibana, Graduada e Mestre em Artes Visuais (UFPB). Possui trabalhos cuja poética mistura/experimenta diversas linguagens e suportes, como a fotoperformance, a instalação, o tridimensional, a palavra e a performance. Atualmente trabalha com a paisagem do corpo

& outras entropias, explorando a sua relação íntima com o interior e o exterior de si, se sabendo lugares.

CONTATOS:

conceicaomyllena@gmail.com /

<https://issuu.com/conceicaomyllena/>

www.instagram.com/conceicaomyllenaart

Trabalho da capa: Palavra-chave, 2016 (trabalho em processo)

Escrita sobre chaves, (gravação com microretífica em liga metálica) -

Fotoperformance em Instalação.

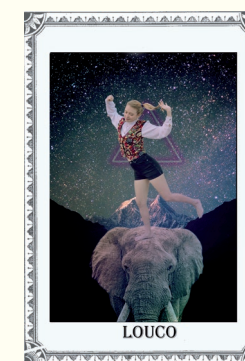
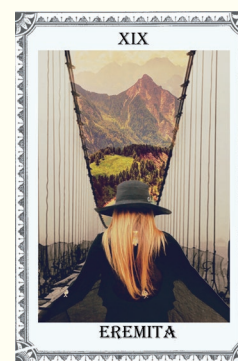


Sem título - fotoperformance
(em processo)

Conjunto de fotos de ação performática entrelaçando cabelos e galhos.

“Fluxus”, 2015.

série de autorretratos composta por fotoperformances.



Numinous, 2014

Trabalho das artistas Cris Calaço¹ e Conceição Myllena², intitulado “Numinous”



www.revistablecaute.com
www.facebook.com/revistaBlecaute
revistablecaute@gmail.com
@revistablecaute

www.revistablecaute.com

Publique!

FORMULÁRIO DE ENVIO

Nome

E-mail

Cidade/Estado

Tipo de produção:

As produções textuais (inéditas ou não) devem ser enviadas em um único arquivo, compatíveis com o editor de textos Microsoft Office Word (2003 ou posterior), fonte Times New Roman, tamanho 12, espaçamento 1,5, formato A4.

- Poemas: devem ser enviadas entre quatro e cinco poemas, com até cinco páginas no total;
- Ensaio/Artigo: poderá ser enviado apenas um ensaio ou artigo acadêmico sobre temas ligados à literatura, cultura e/ou demais artes. - sugerimos o máximo dez de páginas;
- Conto: poderá ser enviado apenas um conto, com até cinco páginas;
- Resenhas: poderão ser enviadas duas resenhas, com até três páginas, acrescida da referência bibliográfica do livro (a ser utilizada como título) e uma imagem, em boa resolução, da capa do livro resenhado.

Nenhum arquivo selecionado

As produções visuais (inéditas ou não) devem ser enviadas em um único arquivo compactado (zip), em JPG ou PNG, com resolução entre 200 e 300 dpi, e tamanho máximo do arquivo 10mb.

- História em quadrinhos: Pode ser enviado entre 3 e 5 páginas de Hqs de autor, inéditas ou não, (e indicação de onde encontrar a publicação completa);
- Espaço Visual: Obras com registros visuais contendo entre 5 e 8 páginas;
- Série de obras visuais: Série de trabalhos expositivos - ilustração, fotografia, pintura, desenho etc - entre 5 e 10 obras

Nenhum arquivo selecionado

Perfil do Autor: (Nome, atuação, local de nascimento, local onde reside atualmente, principais trabalhos e/ou livro(s) publicado(s), blogs e/ou site(s) que edita, e-mail para contato)

Entendi e aceito as condições para publicação.

Enviar

© 2020 Blecaute: Revista de Literatura. Construído usando o WordPress e o Highlight Theme